



Universidade da Beira Interior

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia e Educação

Monogamia e Ajustamento Conjugal: Estudo Comparativo

Entre Casais do Mesmo Sexo e Casais de Sexo Diferente

José Carlos da Silva Mendes

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR COMO REQUISITO PARA
A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE (2º CICLO) EM
PSICOLOGIA, NA ÁREA DE CLÍNICA E SAÚDE**

Covilhã 2010

**Dissertação de Mestrado realizada sob orientação do
Professor Doutor Henrique Marques Pereira
apresentado à Universidade da Beira Interior para a
obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, registado
na DGES sob o 9463**

Agradecimentos

A terminar esta dissertação de mestrado resta-me registar os meus sinceros agradecimentos aos meus amigos Vera Pereira, Nuno Monteiro, Magali Miranda, Rui Lourenço, Jorge Revez e Filipa Nicolau, pelo apoio incondicional ao longo de todo percurso académico que no final se mostraram um elemento presente.

Aos meus colegas de Universidade que contribuíram para um crescimento pessoal e académico.

Ao Professor Henrique Pereira pelo incentivo à investigação, à Doutora Paula Carvalho pelos ensinamentos da prática clínica ao longo da aprendizagem académica e a todos os professores que contribuíram para a construção de um conhecimento breve em Psicologia.

Por último, agradeço à minha irmã Helena Mendes que sempre acreditou em mim e aos Padrinhos José da Silva e Amélia da Silva pelos pais presentes que sempre demonstraram ser ao longo do percurso académico.

Resumo

Um laço novo se estabelece entre sexualidade e vida conjugal nas últimas décadas do século XX. Tradicionalmente o direito à actividade sexual era adquirido com o estatuto de sujeito casado; hoje em dia, o intercâmbio sexual passou a ser o motor interno da conjugalidade. No entanto, esta inversão não gerou uma transformação completa das relações de género. A análise das mudanças dos comportamentos na mostra sem dúvida uma aproximação das trajectórias sexuais femininas e masculinas, e o desenvolvimento dum valor de reciprocidade entre parceiros. Mas o exame mais preciso do confronto dos homens e das mulheres nas várias etapas do intercâmbio sexual sugere a permanência de uma divergência de género: tanto a socialização adolescente como o curso da vida conjugal continuam sustentando interpretações muito assimétricas da sexualidade, nas quais o desejo feminino tem menos legitimidade do que o masculino.

O presente estudo, pretende investigar a percepção do ajustamento conjugal e exclusividade sexual relativamente a casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente. Para tal, foi utilizado o método observacional descritivo, transversal e correlacional.

Verificou-se que 48% dos inquiridos apresentam valores de exclusividade sexual iguais ou inferiores a 10, e que 49% dos inquiridos apresenta um nível de ajustamento conjugal igual ou superior a 115. Pudemos verificar também que os heterossexuais apresentam maiores níveis de exclusividade sexual, comparativamente aos bissexuais e homossexuais. No entanto, o mesmo não acontece quanto ao ajustamento conjugal, no qual não se encontraram diferenças significativas entre a orientação sexual (heterossexuais, bissexuais e homossexuais).

Palavras-chave: Sexualidade, Ajustamento conjugal, Género, Orientação Sexual

Abstract

The relation between sexuality and conjugality has been deeply redefined in the last decades of the XX century. Whereas sex was traditionally a right and an attribute of married people, sexual exchange has presently become the inner driving force in contemporary conjugality. Nevertheless, this reversal has not brought about radical shifts in gender relations. An analysis of trends in sexual behaviors doubtless shows the closing of the gap between male and female sexual trajectories and the rise of a value of reciprocity between partners. But a closer examination of the confronting of men and women at the various stages of sexual exchange suggests the permanence of a strong gender divergence: teen age socialization, as well as the very course of conjugal sex life continue fostering very asymmetrical interpretations of sexuality, in which female desire is always less legitimate than the male one.

This study aims to investigate the perception of marital adjustment and sexual exclusivity for same-sex couples and couples of different sexes. To this end, it was used the observational descriptive method, transversal and correlational.

It was found that 48% of respondents have values of sexual exclusivity less or equal to 10 and that 49% of respondents have a level of marital adjustment greater than or equal to 115. We can also verify that heterosexuals have higher levels of sexual exclusivity, compared to bisexuals and homosexuals. However, the same does not apply to marital adjustment, in which no significant differences were found between sexual orientation (heterosexual, bisexual and homosexual).

Key Words: Sexuality, Dyadic Adjustment, Gender, Sexual Orientation

ÍNDICE

I - Introdução	1
II – Enquadramento teórico da Monogamia e do Ajustamento Conjugal	3
1 - Apresentação do estudo.....	15
1.1 - Objectivos	15
1.1.1 - Objectivo Geral.....	15
1.1.2 - Objectivos Específicos.....	15
1.1.3 – Elaboraram-se as seguintes hipóteses	15
1.2 - Tipo de Estudo	16
1.2.1 - Definição das Variáveis.....	16
2 – Método.....	17
2.1. Caracterização da amostra	17
2.2 - Material	19
2.3 – Procedimentos	20
3 - Análise Estatística.....	22
4 – Resultados da Pesquisa.....	24
5 - Discussão dos resultados e Conclusões	64
6 - Reflexão Pessoal.....	79
III - Bibliografia	80

Índice de Quadros

Quadro 1 - O trabalho da orientação sexual é favorecer o bem-estar dos indivíduos (Barbirato <i>et al.</i> 1994, p. 27)	12
Quadro 2 – Descrição das variáveis	18
Quadro 3 – Problemas de relacionamento nos inquiridos.....	19
Quadro 4 - Correlação do factor Sexualidade, com os factores da variável Ajustamento Conjugal	34

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo Correlacional das Variáveis Ajustamento Conjugal e Exclusividade Sexual	35
Figura 2 - Correlação da Variável Ajustamento Conjugal e Variável Exclusividade Sexual..	68
Figura 3 - Estudo realizado por Carneiro <i>et. al.</i> (2009)	70
Figura 4 - Problemas no relacionamento dos inquiridos.....	78

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização da amostra em percentagem	20
Tabela 2 – níveis de Exclusividade sexual	26
Tabela 3 – Níveis de Ajustamento conjugal.....	26
Tabela 4 – Diferenças entre a variável “Orientação Sexual” e a variável “Exclusividade Sexual”	27
Tabela 5 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	28
Tabela 6 – Diferenças entre a variável “Orientação Sexual” e a variável “Ajustamento Conjugal”	28
Tabela 7 - Teste <i>Post-Hoc</i> de Hochberg GT2	29
Tabela 8 - Correlação da Variável Exclusividade Sexual com a Variável Ajustamento Conjugal	30
Tabela 9 - Correlação da variável Exclusividade Sexual com o factor Consenso	30
Tabela 10 - Correlação da variável Exclusividade Sexual com a Coesão	31
Tabela 11 - Correlação da variável Exclusividade Sexual com a Expressão de afecto.....	31
Tabela 12 - Correlação da variável Exclusividade Sexual com o factor Satisfação.....	31
Tabela 13 - Correlação da variável Ajustamento Conjugal com o factor Sexualidade	32
Tabela 14 - Correlação da variável Ajustamento Conjugal com a Auto-estima	32
Tabela 15 - Correlação do factor Auto-estima com o factor Consenso	33
Tabela 16 - Correlação do factor Auto-estima com o factor Satisfação	33
Tabela 17 - Correlação do factor Auto-estima com o factor Coesão.....	33
Tabela 18 - Correlação do factor Auto-Estima com o factor Expressão de Afecto	33
Tabela 19 – teste t para as variáveis género, Exclusividade Sexual e ajustamento conjugal...	35
Tabela 20 – teste t para as variáveis problemas no relacionamento Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal.....	37
Tabela 21 – Teste T para as variáveis Ter filhos, Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal	39
Tabela 22 – teste T PARA as variáveis vida sexual activa, Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal.....	40
Tabela 23 – Diferenças entre o factor “Classe de Idades” e a variável “Ajustamento Conjugal”	42

Tabela 24- Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	44
Tabela 25 - Diferenças entre a variável “Classes de Idades” e o factor “Exclusividade Sexual”	45
Tabela 26 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	46
Tabela 27 – Diferenças entre o factor “Estatuto socioeconómico” com a variável “Ajustamento Conjugal”	47
Tabela 28 – Diferenças entre a variável “Estatuto socioeconómico” e a variável “Exclusividade Sexual”	48
Tabela 29 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	49
Tabela 30 – Diferenças entre a Variável “Escolaridade” e o factor “Ajustamento Conjugal”	50
Tabela 31 – Diferenças entre a variável “Escolaridade” e a variável “Exclusividade Sexual”	51
Tabela 32 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	52
Tabela 33 – Diferenças entre a variável “Tempo de relacionamento” e a variável “Ajustamento Conjugal”	52
Tabela 34 - Teste <i>Post-Hoc</i> de Hochberg GT2	53
Tabela 35 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	54
Tabela 36 – Diferenças entre a variável “Tempo de relacionamento” e a variável “Exclusividade Sexual”	55
Tabela 37 – Diferenças entre a variável Tempo de Relacionamento e a variável Orientação Sexual	56
Tabela 38 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	57
Tabela 39 – Diferenças entre a variável Orientação Sexual e a variável Problemas no relacionamento	57
Tabela 40 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	58
Tabela 41 – Diferenças entre a variável “felicidade na relação” e variável “Orientação Sexual”	59
Tabela 42 – Diferenças entre a variável “Residência” e a variável “Ajustamento Conjugal”	59
Tabela 43 – Diferenças entre a variável “Residência” e a variável “Exclusividade Sexual” ..	60
Tabela 44 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	61
Tabela 45 – Diferenças entre o item “estive envolvido com outra pessoa” e a variável Orientação sexual	62
Tabela 46 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	63
Tabela 47 – diferenças entre o item “o meu companheiro já teve outras pessoas” e a variável orientação sexual	63
Tabela 48 - Teste <i>Post-Hoc</i> de <i>Games-Howell</i>	64
Tabela 49 – Teste T para os itens “Grau de satisfação sexual e problemas no relacionamento”	64
Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico	
Anexo 2 - Dyadic Adjustment Scale	
Anexo 3 – Questionário Exclusividade Sexual	
Anexo 4 – Autorização para o uso da DAS	
Anexo 5 – Tabela de Frequências (níveis de exclusividade sexual)	
Anexo 6 – Tabela de Frequências (níveis de ajustamento conjugal)	
Anexo 7 – Esquema da ANOVA para o uso de Levene	

I - INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos realizados no âmbito do ajustamento conjugal em Portugal, abrangendo na sua maioria e talvez na sua totalidade a avaliação dos casais heterossexuais, mas um novo conceito de casal cria as suas raízes na cultura portuguesa com a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo. O presente estudo decorreu na pré legislação do casamento entre indivíduos do mesmo sexo, mas sua a união é já uma realidade em Portugal, em que os estudos nesta área são *“um campo formalmente inexistente no nosso país”* (Cascais, Santos, Amaral, Barreira, Rayner, Moita, Pereira, Leal, *et al.* 2004, p.9)

Este estudo deve-se às muitas comparações relativas aos relacionamentos dos homossexuais, heterossexuais e bissexuais, mas não nos podemos esquecer que muitas vezes a opinião sobre a sexualidade é fundada pelas crenças sociais, religiosas, laborais esquecendo a verdadeira essência do ser humano, máquina biológica que ama e é amada na construção de uma relação.

Barash & Lipton (2001) mencionam que tudo o que fazemos, tudo o que somos, é uma consequência não só da nossa “natureza humana” interior, mas também das nossas experiências, citam que *“existem provas abundantes de que os seres humanos foram desde sempre inclinados a ter diversos parceiros sexuais”* (p.214).

E primeiro lugar, apresenta-se uma breve revisão teórica sobre a monogamia e o ajustamento conjugal.

Seguidamente, no ponto dois, são apresentados os resultados da presente pesquisa de forma sucinta.

Posteriormente, no ponto três apresenta o objectivo geral do estudo e respectivos objectivos secundários e as respectivas hipóteses, as variáveis

O ponto quatro descreve todo o método de estudo seguido ao longo do trabalho, estando presente a descrição das características da amostra constituída (N=909) recolhida pelo recurso à internet tendo solicitado que os indivíduos com um relacionamento significativo superior a seis meses respondessem a um questionário sociodemográfico, um questionário validado para a população portuguesa que permite investigar a percepção que os indivíduos têm do seu relacionamento (Gomez & Leal, 2008) e por último um questionário que pretende avaliar a exclusividade sexual. Finaliza-se o respectivo ponto de trabalho com a descrição dos procedimentos tomados durante toda a recolha de dados, estando sempre como pedra basilar o código de ética e deontologia.

Para a análise estatística, recorreu-se ao programa SPSS Versão 17.0 (ponto 5). Inicia-se a apresentação dos resultados com a comparação das médias entre as variáveis dependentes em estudo (Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal); a correlação de *Pearson* entre as mesmas variáveis e os factores que as constituem; a análise do teste *t* das variáveis dependentes e independentes, e por último utilizou-se a ANOVA para a verificação das diferenças estatisticamente significativas nas várias hipóteses que as variáveis apresentavam.

Finaliza-se o presente estudo com a discussão dos resultados e respectiva conclusão.

II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA MONOGAMIA E DO AJUSTAMENTO CONJUGAL

Analisando o comportamento sexual de diversas espécies, autores (LeVay, 1996, Judson, 2003, *cit.* Brito & Menezes, 2007) defendem “*que o padrão sexual predominante nos animais seria a bissexualidade, o que indicaria que a prática sexual não seria associada apenas à função reprodutiva*” (Brito & Menezes, 2007, p.135).

Hyde (2004) descreveu a monogamia como o hábito de um adulto do sexo masculino e um feminino, formarem uma ligação dupla ao longo da vida, os mamíferos monogâmicos gastam muito tempo na proximidade de seu parceiro, e na maioria das espécies monogâmicas, o macho participa plenamente no cuidado de crianças, a monogamia é rara entre os mamíferos como um hábito de vida (Zhang, 2007).

Quando verificado, o modelo de não monogamia parece ser legitimado pela visão e vivência masculinas da sexualidade; o amor que se sente pelo parceiro não é impeditivo da procura de prazer sexual fora da relação, uma vez que exercem uma distinção entre desejo sexual e afectividade e, por conseguinte, entre fidelidade sexual e fidelidade emocional, esta sim, considerada como o elemento vital para a relação. Para que o sexo extraconjugal não se converta num foco de instabilidade e insegurança, não é permitido que ganhe outro significado para além do prazer físico (Moreira, 2000).

Antropologicamente, quer as identidades de género, quer as identidades com base na orientação sexual, têm vindo a ser abordadas como arenas de identidade e de poder, correlacionadas com outros níveis de identificação, diferenciação e desigualdade, como a etnicidade, a classe social a idade ou o estatuto (Fonseca, Soares & Vaz, 2003).

Cabral (2007) ao descrever as famílias primitivas, refere que a família monogâmica era referida como um instrumento importante na perpetuação da propriedade. Esta definição foi defendida por Engels no século XVIII em que a família monogâmica baseava-se no domínio do homem e tinha como finalidade expressa procriar filhos de indiscutível paternidade, permitindo a regulação dos processos de herança de bens do pai (Fonseca, Soares & Vaz, 2003).

Barash & Lipton (2001), mencionam um estudo após análise de 116 sociedades humanas diferentes, que enquanto 63 permitem o sexo extramarital aos maridos, só 13 permitem às mulheres. Além disso, 13 tinham um “*padrão único permissivo*” (p.272), permitindo actividades sexuais extramaritais igualmente aos maridos e às esposas, enquanto

27 adoptavam um “*padrão único restrito*”, proibindo igualmente maridos e esposas de se envolverem em quaisquer casos extramaritais.

Em épocas remotas na família consanguínea não são observadas proibições enquanto à coabitação, aparecem as primeiras proibições na família punaluana, contudo existem culturas em que a família é composta por um homem e várias mulheres, que subsistem todos em união (Cabral, 2007). As pressões sociais prescrevem que o facto de se ter múltiplos parceiros sexuais (ao longo do tempo, nota-se, não necessariamente ao mesmo tempo) indica um “*homem a sério*”, ao passo que uma mulher “*a sério*” (Barash & Lipton, 2001).

A dinâmica social ensina, a partir da observação do desenvolvimento histórico, que a ordem família tem a tendência à monogamia, e essa tendência demonstra estar de acordo com a sociedade, transformando a monogamia um pressuposto importante para o surgimento de uma ordem positiva da sociedade (Dreher, 2001).

Reich (1975) cita que “*as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui um factor indispensável a qualquer formação de cultura*” (p.42). O mesmo autor refere que a exigência da virgindade como a condição matrimonial ao ser indispensável, matinha o matrimónio monogâmico.

Fonseca, Soares & Vaz (2003) abordam a história dos primitivos sexuais, fazendo referência ao papel da mulher, desde o século XVII. A transição de século marca-se pelos movimentos que lutam pelos direitos das mulheres, e a lei do divórcio em vários países. Esta época é também marcada pelo modelo ideal de casamento tipo vitoriano, caracterizado pela apropriação das mulheres por homens específicos e pelo conceito de fidelidade conjugal (Bernand, C. & Guzinski, S. (1993).

O casamento poliândrico primitivo surgia dessa forma como metáfora da prostituição do século XIX e da depravação moral das mulheres (Barash & Lipton, 2001).

Giddens (1992) descreve que “*a monogamia não se refere ao relacionamento em si, mas à exclusividade sexual como um critério de confiança; a “fidelidade não tem significado, excepto como um aspecto daquela integridade presumida na confiança no outro*” (p.67)

O casamento monogâmico é ainda reconhecido pela igreja como uma forma de preservar o ser humano, esta atitude destaca-se pela não-aceitação do casamento em casais homossexuais (Nunes, 2005). Reich (1975) considera que o casamento monogâmico é legalmente reconhecido como a forma mais elevada e desejável das relações sexuais humanas, como a mais adequada para garantir a preservação da comunidade humana.

Segundo Barash & Lipton (2001), “*se a união monogâmica de cada um for estabelecida com a metade errada, então a cópula extramarital são esforços compreensíveis para localizar o parceiro há muito tempo perdido*” (p.253)

O casamento monogâmico é considerado a base da constituição de um novo tipo de família, Gallo & Garcia (2007) mencionam que o princípio de exclusividade das relações sexuais entre os conjugues se converteu em relações políticas, hierárquicas, desiguais, opressivas e discriminatórias.

Pais (2008) defende que a sociedade portuguesa, manifesta ideologicamente valores de fidelidade matrimonial, mas não se sabe se essa exclusividade expressa em termos ideais ou se traduz numa efectiva capacidade de controlo sobre emoções e desejos latentes que ponham em causa tais ideais.

Os casais acabam por perceber no seu quotidiano, o peso da multiplicidade e da sobrecarga dos papéis por um estilo de vida que tenta conciliar a vida pessoal, conjugal, familiar e as necessidades do mundo do trabalho (Diniz & Perlin, 2005), outros autores referem que a relação conjugal é uma construção e que, ao casar, o trabalho está apenas no seu início (Hammerschmidt, Kaslow, Norgren, Sharlin & Souza, 2004).

Almeida (2003) refere que que emoções sexuadas são uma construção social. As relações entre família e sexualidade vêm passando por transformações significativas nas últimas décadas, tais mudanças resultam de um longo processo que tornou a conjugalidade um domínio relativamente autónomo da família, orientado por dinâmicas internas, nas quais a sexualidade ocupa um lugar central (Heilborn, 2004).

Uma relação pode definir-se como uma união entre duas pessoas, unidas pelo erotismo, prazer em estar juntos, partilhar, confrontar com, solucionar problemas e conflitos (Buss & Shackelford, 1997).

Na fase do desenvolvimento, cada um de nós, negocia constantemente o ponto de equilíbrio entre estar unido a outros ou ser autónomo (Costa & Ribeiro, 2002). Tal união pode ou não ser celebrada, mas o objectivo final da relação é partilharem uma vida a dois, contudo, existem sempre os valores sociais que “*regem*” o significado de relação conjugal (Buss & Shackelford, 1997).

As relações interpessoais desempenham um papel de tal modo central no desenvolvimento humano que facilitam ou dificultam o desenvolvimento das relações no ser humano (Costa & Robeiro, 2002).

Aragón, Loving & Palencia (2007) referem que as relações extraconjugais são um fenómeno universal, estimando que cerca de 50% das pessoas se envolvem em um relacionamento extraconjugual durante a sua vida.

Mello (2005), descreve que a noção de relacionamento puro servia para nomear a situação em que as relações sociais são valorizadas pela satisfação intrínseca que proporciona aos indivíduos a interacção; o relacionamento puro seria uma nova forma de estruturar a intimidade, sem a mediação necessária do casamento ou com o casamento assumindo um significado diferente do originalmente associado ao amor romântico.

No processo de formação e de consolidação do casal, marido e mulher diferem-se pelo sexo, pela identidade, pela própria história e pela cultura de origem, fazendo uma união, o nós (Costa & Ribeiro, 2002), contudo a satisfação é um elemento fundamental num relacionamento interpessoal. (Diniz & Perlin, 2005). Bozon (2003) destaca que quando o casal estabiliza e passada a fase dos começos, os interesses de cada um pela actividade sexual começam a divergir, com a tendência a uma especialização crescente nos papéis de género, reforçados com a duração e parentalidade.

A satisfação é uma reacção subjectivamente experienciada no casamento, é uma atitude de respeito do próprio relacionamento conjugal; é o resultado da diferença entre a percepção da realidade do casamento e as aspirações que os conjugues têm para a relação. (Hammerschmidt, *et al*, 2004; Diniz & Perlin, 2005) Relaciona-se com factores que propiciam intimidade no relacionamento (sensações e sentimentos de bem-estar, companheirismo, afeição e segurança). Barash & Lipton (2001) descrevem que a infidelidade é susceptível de levar ao divórcio, sendo a razão mais invocada para a dissolução da relação. O adultério é provocado por um determinado grau de vulnerabilidade dentro do casal, *“problemas no casamento, podem também levar ao adultério”* (pp. 190).

Féres-Carneiro, Mosmann & Wagner (2006) sustentam que o sucesso do casamento se relaciona à capacidade dos conjugues de comparar os aspectos satisfatórios como a segurança emocional, a realização sexual e a formação de uma família, como os que podem ser desafiadores como problemas financeiros, preconceitos sociais e religiosos. Outro aspecto importante que afecta o relacionamento é uma auto-estima baixa.

Uma questão que se levanta perante uma relação é a exclusividade sexual. Baker, Brown & Zumaya (2008, p.34) citam *“las parejas no se inician como iguales, a pesar de las declaraciones amorosas, cuando sus dos miembros empiezan a vivir bajo el mismo techo, existe siempre un desnivel de poder, léase el capacidad de él o los otros”*. Os autores referem que mesmo perante um contrato matrimonial, as mudanças não inevitáveis, prevalecendo o

mais forte. Pais, (2008) descreve que a actualidade ainda vê o adultério praticado pela mulher, como uma transgressão imperdoável, nada comparável ao adultério praticado pelos homens, tomado com uma fraqueza (lamentável mas perdoável).

A actividade sexual varia em muito de individuo para individuo. Os casais em relacionamentos monogâmicos, consideram o cibersexo, a masturbação e a pornografia, uma violação do acordo monogâmico, outros casais acordam que a masturbação mútua com uma pessoa de fora em que não envolva qualquer genital não é uma violação do seu contrato para permanecer sexualmente exclusivos (Shernoff, 2006).

Um aspecto importante atribuído à monogamia até agora, grande parte dos esforços refere-se à prevenção das DST tem sido dirigida a mudar o comportamento sexual, estimulando a abstinência, a prática da monogamia (Gotlieb, Hardy, Jiménez & Zaneveld, 2001, Dias, Gonçalves & Matos, 2002), outro aspecto da monogamia, baseia-se no domínio do homem e cujo objectivo expresso é o de procriação dos filhos e a preservação da riqueza através da herança (Barash & Lipton, 2001; Scheidel, 2008).

Não se acredita que a monogamia tenha um valor intrínseco elevado, continua-se a ser fiel, por razões de integridade, Honestidade em consideração ao seu parceiro, contudo participa-se em relações extramaritais apesar de se acreditar que a monogamia é o ideal de um relacionamento saudável (Bursik & Schmoockler, 2007).

Em geral, a insatisfação junto da qualidade do matrimónio está associada com uma atitude positiva face ao sexo extraconjugal, particularmente entre as mulheres (Aragón, Loving & Palencia, 2007). As relações extraconjugais, usualmente têm recompensas potencialmente altas e podem sobrepor-se a uma relação primária de excitação sexual, crescimento pessoal e comunicação (Buunk & Dijkstra, 2000)

Magalhães (2009) menciona que nas relações amorosas existe uma expectativa de confiança no cumprimento da exclusividade sexual, contudo, sabemos que tantos os homens como as mulheres são infiéis mesmo conhecendo a dor que causa ao outro e a si mesmo. A mesma autora refere que é pouco provável que homens e mulheres vivam uma relação em que se satisfação em todos os sentidos. Aponta para a atenção, admiração, aceitação, sexo e o afecto como características básicas para manter um relacionamento saudável e satisfatório entre os conjugues.

Wright (1994) descreve num dos seus estudos que as mulheres tendem a desejar homens com o *status* social elevado por terem maior capacidade económica de cuidar futuramente dos filhos.

Um estudo de Pais (2008) em que confronta os inquiridos com algumas práticas sexuais, constatou que as situações de adultério e as relações homossexuais não são aceitáveis em mais de 80% dos inquiridos. Barash & Lipton (2001) citam que *“já há suficiente motivo de lástima e culpa no simples facto de se sentir desejo sexual, por alguém que não o conjugue de cada qual, mesmo que esses sentimentos não chegaram a ser levados à prática”* (p.14)

Aferes (1997, p.19) cita *“o desejo sexual constitui um dos componentes principais das relações passionais”*.

Bozon (2003) cita que *“a centralidade da sexualidade na existência do casal é incontestável”* (p.155), podendo colocar o ajustamento conjugal em risco, contudo, a sexualidade conjugal tem interpretações diferentes para homens e mulheres, em que os cenários são progressivamente construídos no curso da socialização.

Zampieri (2004) descreve que existem diferenças quanto às preferências dos parceiros, referindo que as mulheres procuram ambição, inteligência, saúde, poder, criatividade, recursos económicos, enquanto os homens procuram beleza e exclusividade sexual.

A infidelidade é mais fácil numa cidade onde se pode permanecer anónimo do que numa aldeia pequena (Whigh,1994). O mesmo autor refere que os homens com maior posição social, tendem a ter mais esposas. A infidelidade por vezes, envolve apenas comportamento sexual sem envolvimento emocional, mas em outros casos um envolvimento emocional ocorre sem contacto sexual ou envolve esses dois componentes (Bursik & Schmookler, 2007)

A infidelidade pode ser a fonte mais destrutiva do conflito infligido num casamento, mas apesar do seu impacto destrutivo, metade de todos os casamentos cometeram infidelidade (Buss & Shackelford, 1997). São os indivíduos mais impulsivos que são mais propensos a ter uma relação sexual fora do casamento (Bursik & Schookler, 2007). Um estudo de Buss & Shackelford (1997) menciona que a personalidade e as variáveis do relacionamento são susceptíveis à infidelidade no primeiro ano de casamento.

Gallo & Garcia (2007) definem que *“a infidelidade conjugal é toda a classe de comportamentos contrária ao princípio de exclusividade das relações sexuais entre os conjugues”*.

Existem contudo outras formas de estabelecer uma relação, o poliamor surgiu na década de 90 como uma nova modalidade de relacionamento amoroso, uma representação paradigmática do amor contemporâneo. Sem ligação com uma identidade sexual particular (Klesse, 2006), esta modalidade específica da não-monogamia é uma orientação de relacionamento na qual se acredita ser possível e aceitável amar muitas pessoas e manter

múltiplos relacionamentos íntimos, se houver honestidade quanto a eles e se não for pensada, necessariamente, em termos de relacionamentos sexuais (Barker, 2005). A ênfase no amor, geralmente, vem acompanhada pela diminuição da ênfase na sexualidade. Alguns praticantes, inclusive, preferem o termo “polimorosos” ao rótulo de identidade “bissexual”, já que este último enfatiza o sexo e, apesar de o sexo ser importante, ter muitas relações sexuais não é o objectivo dos poliamorosos, muitos até chegam a ter menos parceiros sexuais do que pessoas que dizem praticar a monogamia (Munson & Stelboum, 1999).

De acordo com Spanier (1976), o ajustamento conjugal pode ser visto em duas perspectivas distintas – como um processo ou uma avaliação qualitativa de um estado. Para o autor, definir ajustamento conjugal como um processo tem diversas implicações, sendo a mais importante delas a de que um processo pode ser melhor estudado ao longo do tempo.

“O ajustamento conjugal constitui um conceito chave da literatura sobre a família desde há décadas”(Gomez & Leal, 2008, p.625). O ajustamento conjugal é um dos factores que influencia a constituição da família (Santos-Iglesias, Sierra & Vallejo-Medina, 2009)

O ajustamento conjugal é um processo cujo resultado depende de diversos factores, tais como as diferenças problemáticas no casal, as tensões interpessoais, a satisfação, a coesão e o consenso para o bom funcionamento do casal (Rubia, 2008; Gomez & Leal, 2008; Santos-Iglesias, Sierra & Vallejo-Medina, 2009).

Féres-Carneiro, Mosmann & Wagner (2006) criticam o conceito de ajustamento conjugal por residir na impossibilidade de verificar em que ele se distingue da satisfação sexual. Outro autor refere que a sexualidade dentro do matrimónio não está regulado para a satisfação de necessidades físicas e em cumprir com obrigações sociais como o afecto, a comunicação e a satisfação conjugal (Rubia, 2008).

Hernandez & Hutz (2008) mencionam que existem duas grandes áreas de interesse na pesquisa em transição para a parentalidade: o ajustamento conjugal e emocional. Assim, o processo de ajustamento conjugal consiste nos eventos, circunstâncias e interacções que movem o casal para frente e para trás junto com esse *continuum*, valorizam os papéis sexuais como um aspecto significativo na conceitualização do ajustamento de casais durante a gravidez.

O ajustamento conjugal dos casais satisfeitos parece ser mais funcional, provavelmente por existir maior coesão, proximidade demonstração de afecto entre os cônjuges (Hammerschmidt, *et al.*, 2004)

Braz, Dessen & Silva (2005), apresentam um estudo em que o ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo casal

influenciam o desenvolvimento de padrões de cuidado dos filhos e a qualidade das relações entre os genitores e suas crianças.

As transformações sociais que afectam a vivência da conjugalidade tanto em casais heterossexuais como casais homossexuais têm relevante influência na formulação de teorias, sendo importante verificar a extensão e a natureza das diferenças que se estabelecem nos diversos tipos de conjugalidade, criando modelos mais adequados da compreensão do ajustamento conjugal independentemente da orientação (Féres-Carneiro, 1997).

Nogueira & Saevedra (2006) referem um trabalho desenvolvido por Morawski, (1987) em que o principal objectivo era identificar e medir atributos psicológicos de homens e mulheres a fim de revelar incongruências entre o sexo biológico e o sexo psicológico e identificar a homossexualidade ou predizer problemas no ajustamento conjugal. Hernandez (2005) refere que as características dos papéis sexuais afectam o ajustamento conjugal.

No que respeita à orientação sexual, Fausto-Sterling (1999) defende que a orientação sexual é a preferência por parceiros do sexo oposto, do mesmo sexo ou por ambos os sexos – que pode ser vista como tendo pelo menos dois aspectos essenciais: a preferência física sexual e a preferência afectiva. Há perspectivas bipolares da orientação sexual, de heterossexual a homossexual, ou ainda mais idiossincráticas e focadas na variabilidade da biologia à cultura.

Barbirato et al. (1994) mencionam que a orientação sexual é utilizado para denominar a identidade erótica dos indivíduos em heterossexual, bissexual e homossexual.

QUADRO 1 - O TRABALHO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL É FAVORECER O BEM-ESTAR DOS INDIVIDUOS
(BARBIRATO *ET AL.* 1994, P. 27)

No desenvolvimento humano:

- gostar do seu próprio corpo
- desenvolver a auto-estima
- encarar sem culpa a sexualidade
- compreender que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano sem, necessariamente, implicar reprodução
- relacionar-se com respeito e responsabilidade
- reconhecer e respeitar as diferentes formas de desejo sexual
- exercer os direitos de cidadania nas diferentes manifestações da sexualidade

Nos relacionamentos:

- identificar e expressar seus sentimentos
- usufruir de intimidade e de prazer
- defender-se de vínculos nos quais se sinta manipulado ou explorado

- escolher, dentre suas possibilidades, modos de vida e de convivência
- desenvolver relacionamentos significativos

Na comunicação:

- usufruir e expressar a própria sexualidade ao longo da vida
- viver a sexualidade de forma congruente como os próprios valores
- usufruir de fantasias sexuais como fonte de prazer, sem necessariamente realizá-las
- buscar informações que contribuam para o esclarecimento e o desenvolvimento da própria sexualidade

Outros autores encararam a orientação sexual como a predisposição para experienciar atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou por ambos; enquanto a identidade sexual é encarada como um auto-conceito que o sujeito organiza à volta desta disposição, a primeira com um desenvolvimento precoce, e a segunda a desenvolver-se desde a adolescência ou início da idade adulta, variando com o contexto social, histórico e cultural (Diamond, 2000).

Albuquerque (2006) afirma que para se usar o termo *homossexual*, a orientação sexual tem de estar presente de um modo estável e duradouro. Savin-Williams & Diamond (2000), apresentam um estudo de Baley (1994) em que examinou as diferenças de género na orientação sexual em relação a: (1) preferências por relações sexuais descomprometidas, bem como no interesse em estímulos visuais; (2) importância subjectiva da fidelidade emocional e sexual; e (3) no valor percebido de características do parceiro (como a idade, a atracção física e o estatuto social). Em todos estes domínios as diferenças de género prevaleceram e, independentemente da orientação sexual, as mulheres demonstraram menos interesse que os homens em sexo descomprometido e estímulos visuais, atribuindo menor importância à idade e à atractividade do parceiro, e maior importância à fidelidade emocional.

Kinnish, Strassberg & Turner (2005) avaliaram a orientação sexual na sua categorização (gay, heterossexual ou bissexual) e nas dimensões da fantasia sexual, atracção romântica e comportamento sexual. Foram encontradas diferenças significativas nas mudanças das dimensões da orientação sexual dos homens e mulheres homossexuais e heterossexuais, mas curiosamente não entre homens e mulheres bissexuais. As mulheres lésbicas demonstraram maior flexibilidade que os homens gay nas três dimensões avaliadas, enquanto que as mulheres heterossexuais mostraram uma maior flexibilidade que a dos homens heterossexuais, mas apenas nas dimensões das fantasias sexuais e das atracções

românticas. No grupo dos heterossexuais, não se encontravam diferenças em relação ao sexo, a nível dos comportamentos.

O casal homossexual masculino é um dos exemplos do pluralismo de formas familiares emergentes nas sociedades contemporâneas (Cardoso, 2008). Em si é um conceito recente que só a investigação sobre este tipo de conjugalidade pode ajudar a conceptualizar. Analisar uma relação gay corresponde a falar-se, antes de mais, da dinâmica inerente ao desenvolvimento do compromisso e dos laços afectivos entre os sujeitos (Kurdek, 1992). Apesar de não ser uma forma institucionalizada de relacionamento, os dados sugerem que o casal homossexual masculino regulamenta a gestão da sua intimidade com base em valores sociais abrangentes, nomeadamente, amor, amizade, confiança e companheirismo. A diferença estabelece-se quanto à importância da fidelidade sexual, decidindo os parceiros a alternativa mais adequada ao modelo da sua relação, para que a satisfação e estabilidade no relacionamento sejam asseguradas (Nodin, 2007).

Um dos estereótipos mais comuns com relação aos homossexuais é que estes só pensam em sexo, sendo incapazes de estabelecer relações duradouras (Grossi, Mello & Uziel, 2007), constata-se uma evolução das atitudes perante a homossexualidade, particularmente junto de indivíduos mais jovens e com um nível educacional mais alto (Ferreira, 2003)

A homossexualidade, como toda a sexualidade humana, está directamente relacionada ao universal constituído por esse discurso. As condições contextuais (crenças religiosas, modelos de Igreja) e históricas (lugar social da Igreja, complexo sociocultural) influenciaram a constituição desse discurso (Torres, 2006).

Nunan (2007), cita que “*os homossexuais masculinos tendem a diferenciar os conceitos de fidelidade amorosa (considerada traição) e fidelidade sexual (nem sempre considerada traição)*” (p.58). A mesma autora justifica que os homossexuais masculinos são ensinados a serem mais interessados por sexo e em variedade sexual, por outro lado, Brito & Menezes (2007) refere que a prática homossexual seria um subproduto da função do prazer, mas, além disso, seria também afectada pelas demais funções do sexo, de modo a tornar possível o desenvolvimento de vínculo afectivo e monogamia entre indivíduos homossexuais.

Um diferença apontada entre os casais heterossexuais e homossexuais masculinos é que as mulheres tem a responsabilidade pela intimidade emocional necessária para viabilizar a relação, enquanto os casais homossexuais masculinos não são capazes de estabelecer parcerias por não saberem como faze-lo (Heilborn, 2004), enquanto os casais homossexuais femininos têm maior capacidade de manter um relacionamento (Grossi, Mello & Uziel, 2007).

Um estudo realizado por Roisman *et al.* (2008, *cit.* Elvas *et al.* 2010) refere que os casais homossexuais mostram tanta consistência e segurança como os casais heterossexuais, Elvas *et al.* (2010, p.2) citam outro estudo de Herek (2006) “*as relações homossexuais e heterossexuais são bastante similares entre si entre vários aspectos*”.

Carneiro (2009) apresenta vários estudos sobre “homossexualidades”, verificando que a primeira atracção homossexual ocorreu no início da adolescência, observando-se o primeiro namoro “homossexual” na média dos 21 anos de idade.

Num estudo de Lino (2009), o autor menciona em alguns casos parece que a monogamia não detém o mesmo lugar em relacionamentos homossexuais masculinos com os outros relacionamentos, mas que homens homossexuais não são mais promíscuos que os seus congéneres heterossexuais.

Carneiro, Gato & Fontaine (2010) referem num estudo que nem a orientação sexual dos adoptantes nem o seu estatuto conjugal influenciam, de forma sistemática, a percepção da probabilidade da criança, ao longo do seu crescimento, vir a manifestar problemas emocionais, no entanto, observaram um efeito significativo da orientação sexual dos adoptantes na previsão da preferência sexual das crianças, (a probabilidade de estas virem a manifestar uma preferência heterossexual é maior se forem adoptadas por heterossexuais do que por gays).

A maioria das pessoas (independentemente da Orientação Sexual) deseja relações amorosas estáveis em que possam obter afecto, companheirismo, intimidade e amor, e poucas contentariam apenas com relacionamentos causais (Grossi, Mello & Uziel, 2008). Os mesmos autores mencionam que a confiança, respeito, compromisso, lealdade, flexibilidade, complementaridade, semelhança de valores, comunicação e entendimento das necessidades do parceiro, são características fundamentais para que o relacionamento possa ser duradouro e satisfatório independentemente da orientação sexual.

Exclusividade sexual - Barros, Duarte, Heilborn & Peixoto (2005) descrevem a exclusividade sexual como um acesso único ao seu parceiro sexual. O coito oral/anal só por existir dentro do casal.

Ajustamento Conjugal

Não existe uma definição consensual desta variável, contudo, o ajustamento conjugal é resultado da interacção entre os processos sociais e os desafios que ele promove para o casal (Féres-Carneiro *et al.*, 2006). Por sua vez na adaptação da DAS (Dyadic Adjustment Scale)

Gomez & Leal (2008) descrevem o ajustamento conjugal, tem sido entendido como propriedade interpessoal que varia num processo contínuo e de mudança.

Coesão

A coesão é definida como o vínculo emocional que os membros da família têm em relação um ao outro. Férez-Carneiro *et al.* (2006) identificam quatro níveis de coesão (muito/moderado a alto e muito/moderado a baixo) que geram bom funcionamento conjugal e familiar.

Género

Para Sorj (1992) o conceito de género envolve duas dimensões. A primeira refere-se ao à biologia sexual inata que não consegue explicar o comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade. A segunda dimensão refere-se ao poder desigual atribuído entre os sexos.

Orientação Sexual

A orientação sexual refere-se ao sexo, masculino ou feminino, dos parceiros eróticos, amorosos ou afectivos que o indivíduo prefere. Os termos homossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, deveriam ser utilizados como adjectivos e não como substantivos, e aplicam-se melhor a comportamentos em vez de pessoas (McAnulty & Diamant, 1995)

1 - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

1.1 - OBJECTIVOS

1.1.1 - OBJECTIVO GERAL

Investigar a percepção do ajustamento conjugal e a exclusividade sexual relativamente a casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente.

1.1.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

1 – Medir os níveis de Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal.

2 - Verificar diferenças nas percepções do ajustamento conjugal (Coesão, Satisfação, Consenso e Expressão de Afecto) em casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente.

3- Analisar diferenças nas percepções da exclusividade sexual (Sexualidade e Auto-Estima) em casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente.

4- Correlacionar as variáveis Ajustamento Conjugal e Exclusividade Sexual e respectivos factores (Coesão, Satisfação, Consenso e Expressão de Afecto; Sexualidade e Auto-Estima).

1.1.3 – ELABORARAM-SE AS SEGUINTE HIPOTHESES

Hipótese 1: Existem diferenças entre a exclusividade sexual e o género.

Hipótese 2: O género, apresenta diferenças no ajustamento conjugal.

Hipótese 3: Existem diferenças entre os problemas de relacionamento, o ajustamento conjugal e a exclusividade sexual

Hipótese 4: Existem diferenças entre as variáveis ter filhos, ajustamento conjugal e exclusividade sexual.

Hipótese 5: A exclusividade sexual, o ajustamento conjugal e a variável ter uma vida sexual activa, apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Hipótese 6: A idade apresenta diferenças da exclusividade sexual e o ajustamento conjugal

Hipótese 7: O estatuto socioeconómico apresenta diferenças estatisticamente significativas no ajustamento conjugal e a exclusividade sexual.

Hipótese 8: Existem diferenças entre o tempo de relacionamento, exclusividade sexual e o ajustamento conjugal

Hipótese 9: Existem diferenças nas variáveis tempo de relacionamento e orientação sexual..

Hipótese 10: As variáveis problemas de relacionamento e orientação sexual apresentam diferenças estatisticamente significativas.

1.2 - TIPO DE ESTUDO

A presente pesquisa classifica-se segundo os objectivos como um estudo observacional descritivo pela forma organizada e estatística os dados recolhidos, não permitindo conclusões, facultando considerações finais com o levantamento de novas hipóteses para novas pesquisas, estudo transversal pela análise da prevalência de um evento em um determinado corte de tempo e designa-se também por um estudo correlacional pelo relacionamento linear entre as variáveis.

1.2.1 - DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

QUADRO 2 – DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Variáveis Dependentes	Variáveis Independentes
Exclusividade Sexual	Género
	Problemas de relacionamento
	Ter filhos
	Ter uma vida sexual activa
	Classes de Idades
	Estatuto socioeconómico
Ajustamento Conjugal	Escolaridade
	Residência
	Orientação Sexual
	Tempo de relacionamento

2 – MÉTODO

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Recorreu-se à internet para a concretização da recolha da amostra (N=984), procedeu-se à eliminação de 75 questionários devido ao preenchimento incompleto a um dos três questionários, eliminaram-se os participantes com tempo de relacionamento inferior a 6 meses. A amostra final apresenta um total de 345 (38%) questionários respondido por homens, (61,7%) questionários respondido por mulheres e (0,3%) questionários respondido por transgéneros (N=909).

A idade média dos participantes é de 28,76 anos (SD=9.279); 78,2% dos participantes têm entre os 16 e os 34 anos. Relativamente à identidade sexual, 545 (60%) dos participantes afirmam ser heterossexuais (174 homens, 369 mulheres e 2 transgéneros), (10,2%) dos participantes afirmam ser bissexuais (18 homens e 75 mulheres) e 270 participantes (29,7%) afirmam ser homossexuais (153 homens, 116 mulheres e 1 transgénero).

A maioria insere-se num estatuto socioeconómico Médio (56,3%), em que 69,5% apresentam formação superior. A amostra centra-se no meio urbano (grande meio urbano 43,5% e pequeno meio urbano 42,8%).

A média do tempo de relacionamento é de aproximadamente 5,8 anos.

Dos respondentes, 44% referem ter problemas no relacionamento, tendo os inquiridos referido problemas de comunicação, problemas relacionados com o ciúme, problemas devido a questões financeiras, problemas familiares, problemas sexuais novas amizades.

QUADRO 3 – PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO NOS INQUIRIDOS

Problemas mais frequentes	N
Comunicação	186
Ciúmes	163
Amizades	56
Problemas financeiros	110
Problemas Profissionais	46
Problemas Sexuais	63
Problemas familiares	68

Dos inquiridos, 93, 8% referem ter uma vida sexual activa.

O grau de satisfação na relação é considerado como “Muito Satisfeito” por 43,6% dos inquiridos e “Totalmente Satisfeito” por 32,3%.

TABELA 1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA EM PERCENTAGEM

Número total de sujeitos (N)		909
Gênero	Mulher	61,7%
	Homem	38%
	Transgênero	0,3%
Média de Idades (anos)		28,76
Orientação Sexual	Heterossexuais	60%
	Bissexuais	10,2%
	Homossexuais	29,7%
Habilitações Literárias	0 anos até 4 anos	0,1%
	Até 6 anos	0,1%
	Até 9 anos	2,5%
	Até 12 anos	23,3%
	Bacharelato	4,5%
	Licenciatura	46,8%
	Pós-Graduação	22,7%
Estatuto socioeconómico	Alto	2,2%
	Médio-Alto	18,2%
	Médio	56,3%
	Médio-Baixo	20,6%
	Baixo	2,4%
Local de Residência	Grande Meio Urbano	43,5%
	Pequeno Meio Urbano	42,8%
	Grande Meio Rural	7,6%
	Pequeno Meio Rural	5,6%
Tempo de relacionamento (anos)		5,7098
Problemas no relacionamento	Sim	44%
	Não	55,7%
Vida Sexual Activa	Sim	93,8%
	Não	5,5%
Grau de Satisfação na relação	Nada Satisfeito	0,6%
	Moderadamente Satisfeito	5,3%
	Satisfeito	14%
	Muito Satisfeito	43,6%
	Totalmente Satisfeito	32,3%

2.2 - MATERIAL

A recolha de dados foi realizada utilizando-se três instrumentos. O primeiro, Questionário Socio-Demográfico (anexo 1), relaciona-se com as características pessoais e sociais dos indivíduos. Contem questões referentes ao género, idade, estatuto socioeconómico, escolaridade, profissão, local de residência, orientação sexual, tempo de relacionamento, existência de problemas no relacionamento, ter filhos, ter uma vida sexual activa e respectivo grau de satisfação.

O segundo instrumento, “*DAS - Spanier, 1976; Versão Portuguesa: R.Gomez & I. Leal, 2008*”, permite a avaliação do ajustamento diádico entre os casais. Questionário traduzido e validado para a população portuguesa em 2008 pela Professora Doutora Isabel Leal e Doutoranda Rita Gomez (anexo 2).

A DAS foi desenvolvida por Spanier em 1976 e adaptada para Portugal pelas autoras supracitadas, “mantendo a escala o mais equivalente possível em termos linguísticos e conceptuais à versão original” (Leal & Gomez, 2008, p. 627). A escala investiga a percepção que os conjugues têm da qualidade do relacionamento através de 32 itens (30 dos quais em escalas de seis pontos e dois itens com respostas “sim” e não”) (Fredman & Sherman, 1987).

Leal & Gomez (2008) descrevem 4 sub-dimensões do ajustamento conjugal: consenso (13 itens), refere-se à concordância do casal perante as normas sociais; Satisfação (10 itens), comportamentos como pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento; coesão (5 itens), refere-se ao sentimento de união e integração entre os conjugues e Expressão de Afecto (4 itens), percepção subjectiva acerca da concordância ou discordância do casal em questões de demonstração de afecto, carinho e desejo sexual.

Os *alphas de Cronbach* calculados por Leal & Gomez (2008) para a versão portuguesa foram de 0.849 para o consenso, 0.83 para a satisfação, 0.72 para a coesão, 0.66 para a expressão de afecto e 0.90 para a escala global Ajustamento Conjugal.

No presente estudo obteve-se um *alpha de Cronbach* de 0.92 ($M=112.47$, $SD=17.125$) para a variável Ajustamento Conjugal, 0.85 ($M=49.27$, $SD=7.646$) para o factor Consenso, 0.85 ($M=38.51$, $SD=6.631$) para o factor Satisfação, 0.76 ($M=15.15$, $SD=4.320$) para o factor Coesão e 0.66 ($M=9.54$, $SD=2.138$) para o factor Expressão de Afecto.

Por último, o Questionário de Exclusividade Sexual, construído por base em bibliografia, pretendendo-se dessa forma avaliar as atitudes dos indivíduos relativamente à exclusividade sexual (anexo 3).

O questionário é composto por 11 itens, sendo todos cotados numa escala tipo-*Likert*, um item é cotado 5 opções de resposta e os outros 10 são cotados com 4 opções de resposta (Totalmente Falso a Totalmente Verdadeiro).

Procedeu-se à análise factorial, de forma a simplificar os dados através da redução do número de variáveis para os descrever (Maroco, 2007). Após análise do *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o teste Bartlett, sendo dois procedimentos estatísticos que permitem aferir a qualidade das correlações entre as variáveis de forma a prosseguir com a análise factorial, obteve-se um KMO de .878, considerado bom (<0.5 *inaceitável*, $0.5-0.6$ *má*, $0.6-0.7$ *razoável*, $0.7-0.8$ *média*, $0.8-0.9$ *boa* e $0.9-1$ *muito boa*) (Pestana & Gageiro, 2008, p.493).

Utilizou-se o *Alpha de Cronbach* como medida de consistência interna. Maroco (2007) considera a consistência interna:

Muito boa \Leftrightarrow alpha superior a 0.9

Boa \Leftrightarrow alpha entre 0.8 e 0.9

Razoável \Leftrightarrow alpha entre 0.7 e 0.8

Fraca \Leftrightarrow alpha entre 0.6 e 0.7

Inadmissível \Leftrightarrow alpha < 0.6

A consistência interna do instrumento descreve-se por um $\alpha=0.826$ ($M=12.32$, $SD=4.285$) para a variável Exclusividade Sexual, $\alpha=.788$ ($M=6.14$, $SD=2.769$) no factor Sexualidade, $\alpha=0.737$ ($M=6.14$, $SD=2.769$) para o factor Auto-estima.

2.3 – PROCEDIMENTOS

A concretização deste trabalho, iniciou-se em primeiro lugar com pesquisa de alguma bibliografia referente aos objectivos descritos.

A consulta do Handbook of Sexuality-Related Measures, Handbook of Measurements for Marriage & Family Therapy e pesquisas de artigos científicos, permitiu ter uma noção do tipo de perguntas a explorar para a elaboração do questionário de exclusividade sexual. Procurou-se ajustar uma ou mais escalas que se identificassem com o objectivo de estudo, contudo, não houve autorizações concedidas por inexistência de contactos dos autores ou a falta de resposta por parte dos que foram contactados. Procedeu-se assim à construção do questionário Exclusividade Sexual que avaliassem as atitudes sexuais.

A variável Ajustamento Diádico, foi explorada por uma escala já traduzida e aplicada em Portugal pelas investigadoras Professora Doutora Isabel Leal e Doutoranda Rita Gomez. Procedeu-se à autorização por correio electrónico, que de imediato deram a respectiva

autorização para o uso da escala: “DAS – Spanier, 1976; Versão Portuguesa: R.Gomez & I. Leal, 2008”; sendo a mesma escala cedida pela doutoranda Rita Gomez (anexo 4)

A elaboração do questionário sociodemográfico, teve também apoio em bibliografia para melhor descrever a orientação sexual, à qual se optou pelo Modelo de Kinsey (1948, Cardoso, 2008, p.75) que descreve sete pontos: “0 – heterossexual exclusivo; 1- Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual; 2- Predominantemente heterossexual, mais que ocasionalmente homossexual; 3- bissexual; 4- Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual; 5- Predominantemente homossexual, mais que ocasionalmente heterossexual e 6- Homossexual exclusivo” (p.57), para identificar a orientação sexual dos inquiridos.

Após a conclusão da construção dos questionários realizado no “Google Docs”, procedeu-se à aplicação de um pré-teste a 10 indivíduos que tinham um relacionamento significativo no mínimo à seis meses. Foram escolhidos cinco indivíduos que se identificavam como exclusivamente heterossexuais, três exclusivamente homossexuais e dois bissexuais, do género masculino e feminino.

A aplicação do pré-teste permitiu a correcção de alguns erros ortográficos. Houve algumas dúvidas relativas aos indivíduos que mantinham um relacionamento significativo à distância. Um indivíduo que se identificou como bissexual descreveu que sentiu dificuldade em responder ao questionário por ter dois relacionamentos em simultâneo, um a relação com um indivíduo do mesmo sexo e outro de sexo diferente. Foram consideradas algumas alterações no vocabulário e estrutura do questionário por recomendação do orientador.

Os procedimentos éticos foram descritos pelo anonimato e confidencialidade dos questionários, assim como o respectivo tratamento seria somente para o estudo em causa. Referiu-se qual o objectivo do estudo, solicitando a participação para o preenchimento da informação pedida.

O questionário foi disponibilizado através de contacto com associações LGBT (*Ex Aequo, Ilga*, entre outras). Por correio electrónico, através da lista pessoal solicitei a colaboração e divulgação do respectivo questionário, originando uma bola de neve. Achei pertinente, através de correio electrónico divulgar o questionário pelas autarquias (câmaras municipais de Portugal); empresas de transporte; empresas de segurança privada; discotecas; empresas prestadoras de serviço; forças de segurança pública; ordem dos engenheiros, advogados, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, entre muitos outros. Procedi também à recolha de contactos de correio electrónico, conforme contactava com novas pessoas para que pudesse alargar a respectiva amostra.

A recolha de dados procedeu-se ao longo do mês de Novembro e Dezembro de 2009. Após verificar a existência de um maior número de questionários respondidos por mulheres, no mês de Janeiro de 2010 procedeu-se à criação de uma lista de *emails* só de homens através do produto cartesiano dos nomes próprios portugueses e os apelidos portugueses obtendo um total de 460.000 emails somente de servidores portugueses (sapo.pt, clix.pt, netcabo.pt, cabovisao.pt, iol.pt). Esta técnica usada durante o mês de Janeiro permitiu somente a recolha de uma dezena de questionários respondidos por homens, uma vez que tendo sido o endereço de correio electrónico elaborado pelo produto cartesiano, seriam considerados como tentativa de o respectivo endereço estar activo.

A recolha de dados teve data final no dia 1 de Fevereiro de 2010, tendo sido recolhidos 984 questionários, posteriormente procedendo-se à criação da base de dados em SPSS.

3 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

A análise de determinados dados exigiu a organização de determinadas variáveis. As profissões, foram agrupadas pela Classificação Nacional Profissões (CNP), obtendo nove classes. A escala de Kinsey (orientação sexual) foi agrupada em três classes, Heterossexual (Heterossexual exclusivo e Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual); Bissexual (Predominantemente heterossexual, mais que ocasionalmente homossexual; Bissexual e Predominantemente homossexual, mais que ocasionalmente heterossexual) e Homossexual (Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual e homossexual exclusivo). Após a análise da variável escolaridade, agruparam-se os itens em três classes, 12º ano (dos 0 aos 12 anos), Licenciatura (bacharelato e licenciatura) e Pós-graduação, obtendo assim um número de itens que permitissem a análise estatística (ANOVA). A variável tempo de relacionamento, foi dividida em quatro classes (0 a 1.99, 2 a 4.99, 5 a 7.99 e > 8). Por último, as idades foram agrupadas em seis classes (15 – 24, 25 – 34, 35 – 44, 45 – 54, 55 – 64 e 65 – 74).

Os índices de correlação de *Pearson* variam segundo o autor, “*por convenção em ciências exactas sugere-se que R menor que 0,2 indica uma associação linear muito baixa; entre 0,2 e 0,39 baixa; entre 0,4 e 0,69 moderada; entre 0,7 a 0,89 alta; e por fim entre 0,9 e 1 uma associação muito alta*” (Pestana & Gageiro, 2008, p.181). De acordo com o autor Pereira (1999), assumo os seguintes índices de correlação de *Pearson*, $0 \leq r_{xy} \leq 0.3$ (correlação fraca), $0.3 \leq r_{xy} \leq 0.6$ (correlação moderada) e $0.6 \leq r_{xy} \leq 1$ (correlação forte).

Na análise do teste t e da ANOVA, considerou-se um $\alpha=0.05$ (nível de significância).

A análise da ANOVA foi reforçada pelo teste Games-Howel e o teste de Hochberg GT2 para a verificação das diferenças estatisticamente significativas.

4 – RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados da presente pesquisa, seguem o delineamento dos objectivos e hipóteses definidas.

Relativamente ao primeiro objectivo, na variável Exclusividade Sexual verifica-se uma média global de 12.32, tendo em conta uma escala que poderá variar entre os valores 9 (maior exclusividade sexual) e 36 (menor exclusividade sexual). Através da análise da tabela de frequências (anexo 5), verifica-se que 48% dos inquiridos apresentam valores de exclusividade sexual iguais ou inferiores a 10.

TABELA 2 – NÍVEIS DE ESCLUSIVIDADE SEXUAL

		Estatísticas		
		Exclusividade Sexual	Sexualidade	Auto-estima
N	Válido	909	909	909
	<i>Missing</i>	0	0	0
	M	12,32	6,14	6,18
	DP	4,285	2,769	2,052

Quanto à variável Ajustamento Conjugal, constata-se uma média global de 112.47, numa escala que se situa entre o valor 0 (menor exclusividade sexual) a 151 (maior exclusividade sexual). Podemos assim verificar que 49% dos inquiridos apresenta um nível de ajustamento conjugal igual ou superior a 115 (anexo 6).

TABELA 3 – NIVEIS DE AJUSTAMENTO CONJUGAL

		Estatísticas				
		Ajustamento Conjugal	Consenso	Satisfação	Coessão	Expressão Afecto
N	Válido	909	909	909	909	909
	<i>Missing</i>	0	0	0	0	0
	M	112,47	49,27	38,51	15,15	9,54
	DP	17,125	7,646	6,631	4,320	2,138

Descreve-se de seguida o segundo objectivo (diferenças entre a exclusividade sexual e a orientação sexual) e o terceiro objectivo (diferenças entre o ajustamento conjugal e orientação sexual).

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual e a orientação sexual, considerando um $\alpha=0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- H_0 : $\mu_{\text{heterossexuak}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual.

TABELA 4 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “ORIENTAÇÃO SEXUAL” E A VARIÁVEL “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

		N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
						F	<i>p</i>
Exclusividade Sexual	Heterossexual	545	11.60	3.698	.000	20.252	.000**
	Bissexual	93	13.41	4.837			
	Homossexual	270	13.41	4.864			
	Total	908	12.32	4.287			
Sexualidade	Heterossexual	545	5.62	2.265	.000	25.921	.000**
	Bissexual	93	6.71	3.095			
	Homossexual	270	7.00	3.290			
	Total	908	6.14	2.770			
Auto-estima	Heterossexual	545	5.98	1.878	.000	7.374	.001*
	Bissexual	93	6.70	2.426			
	Homossexual	270	6.41	2.199			
	Total	908	6.18	2.053			

** $p \leq 0.001$ * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que não é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é <0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos um dos tipos de orientação sexual onde se verificam diferenças significativas relativamente à exclusividade sexual. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é não verificado recorreremos ao método *Games-Howell* para identificar o(s) tipo(s) orientação sexual responsável pela diferença:

TABELA 5 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
 COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (EXCLUSIVIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE E AUTO-ESTIMA
 COM ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média	Diferença Média	Diferença Média
			(I-J) Exclusividade Sexual	(I-J) Sexualidade	(I-J) Auto-estima
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	-1.809*	-1.089*	-.719*
		Homossexual	-1.811*	-1.380*	-.431*
	Bissexual	Heterossexual	1.809*	1.089*	.719*
		Homossexual	-.003	-.290	.288
	Homossexual	Heterossexual	1.811*	1.380*	.431*
		Bissexual	.003	.290	-.288

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas em termos de exclusividade sexual entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual) $F(2,905) = 20.252, p < 0.05$. Os resultados da análise dos factores sexualidade e auto-estima apontam exactamente para a mesma diferença significativa (entre o grupo heterossexual e os restantes).

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e a orientação sexual, considerando um $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

Sendo μ o ajustamento conjugal.

- $H_0: \mu_{\text{heterossexual}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$

- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

TABELA 6 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “ORIENTAÇÃO SEXUAL” E A VARIÁVEL
 “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

		N	Mean	Std. Deviation	Levene (p)	ANOVA	
						F	Sig
Ajustamento Conjugal	Heterossexual	545	112.16	17.233	.794	.339	.713
	Bissexual	93	112.18	18.017			
	Homossexual	270	113.19	16.660			
	Total	908	112.47	17.134			
Consenso	Heterossexual	545	49.21	7.656	.925	.783	.457
	Bissexual	93	48.52	7.819			
	Homossexual	270	49.64	7.586			
	Total	908	49.27	7.650			

Satisfação	Heterossexual	545	38.71	6.577	.665	.696	.499
	Bissexual	93	37.98	6.953			
	Homossexual	270	38.29	6.645			
	Total	908	38.51	6.634			
Coesão	Heterossexual	545	14.70	4.395	.202	8.344	.000**
	Bissexual	93	16.37	4.457			
	Homossexual	270	15.63	3.996			
	Total	908	15.15	4.322			
Expressão de Afecto	Heterossexual	545	9.53	2.189	.871	.740	.477
	Bissexual	93	9.32	2.112			
	Homossexual	270	9.63	2.041			
	Total	908	9.54	2.137			

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é > 0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é $> .05$, não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre o ajustamento conjugal e a orientação sexual $F(2.905) = .339$, $p < 0.05$.

No entanto, ao isolar o factor coesão, constata-se que existem diferenças significativas quanto à orientação sexual, verificadas através do método de *Hochberg GT2* (existe homogeneidade de variâncias e as dimensões das amostras são consideravelmente diferentes), nomeadamente entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual).

TABELA 7 - TESTE *POST-HOC* DE HOCHBERG GT2
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (COESÃO COM ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média
			(I-J) Coesão
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	-1.661*
		Homossexual	-.921*
	Bissexual	Heterossexual	1.661*
		Homossexual	.740
	Homossexual	Heterossexual	.921*
		Bissexual	-.740

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

Seguidamente verificam-se as correlações entre as variáveis exclusividade sexual, ajustamento conjugal e respectivos factores.

Analisando a tabela 8, a correlação entre as variáveis Exclusividade Sexual e Ajustamento Conjugal, poder-se-á verificar que existe uma correlação baixa, tendo sido obtido o valor de $r = -0.322$, na correlação e *Pearson*¹.

TABELA 8 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL COM A VARIÁVEL AJUSTAMENTO CONJUGAL

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.322	.039	-10.252	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.307	.031	-9.708	.000 ^c
Casos Válidos (N)		909			

a. Não assume a hipótese nula

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal

Deste modo poderemos afirmar que uma maior exclusividade sexual poderá, em termos genéricos, implicar um maior ajustamento conjugal. No entanto, analisando os diversos factores que compõem estas variáveis encontramos relações diferentes.

Se considerarmos a variável ajustamento conjugal nos factores que a constituem e a sua relação com a variável exclusividade sexual, verificamos através das tabelas 9, 10 e 11, valores de correlação fracos nos factores consenso, coesão e expressão de afecto ($r=0.246$, $r=0.196$ e $r=0.279$ respectivamente), não se verificando o mesmo com o factor satisfação, no qual existe uma correlação moderada ($r=0.331$) (tabela 12).

TABELA 9 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL COM O FACTOR CONSENSO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.246	.040	-7.655	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.237	.032	-7.359	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

c. Baseado na aproximação normal

¹ Coeficiente igual a +1 significa correlação perfeita positiva; coeficiente -1 significa correlação perfeita negativa

TABELA 10 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL COM A COESÃO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.196	.035	-6.006	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.188	.033	-5.760	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal

TABELA 11 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL COM A EXPRESSÃO DE AFECTO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.279	.036	-8.755	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.252	.032	-7.840	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal

TABELA 12 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL COM O FACTOR SATISFAÇÃO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.331	.040	-10.557	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.288	.032	-9.072	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal

Deste modo, uma maior exclusividade sexual poderá estar relacionada com factores de satisfação conjugal mais elevados, o que não acontece com as expressões de afecto, coesão e consenso.

Observando a correlação de Pearson da variável Ajustamento Conjugal comparada com os factores Sexualidade e Auto-Estima, verificam-se resultados diferentes na variável Exclusividade Sexual.

TABELA 13 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL AJUSTAMENTO CONJUGAL COM O FACTOR SEXUALIDADE

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.204	.037	-6.264	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.244	.032	-7.578	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal.

Por outro lado, se considerarmos a variável exclusividade sexual nos factores que a constituem (sexualidade e auto-estima) e a sua relação com a variável ajustamento conjugal, verificamos um valor de correlação fraco no factor sexualidade ($r=0.204$), não se verificando o mesmo com o factor auto-estima, no qual existe uma correlação moderada ($r=0.398$).

TABELA 14 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL AJUSTAMENTO CONJUGAL COM A AUTO-ESTIMA

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.398	.042	-13.071	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.356	.030	-11.491	.000 ^c
Casos Válidos (N)					

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal

Assim, uma menor exclusividade sexual devido a questões de auto-estima (de quem pratica relações extraconjugais) poderá relacionar-se com um menor grau de ajustamento conjugal. O mesmo não se verifica relativamente à prática de relações extraconjugais por motivos de impulso sexual fisiológico (sexualidade), onde neste caso, se verifica uma correlação fraca com o factor ajustamento conjugal.

Analizamos em seguida a correlação entre os factores de ambas as variáveis Exclusividade Sexual (auto-estima e sexualidade) e Ajustamento Conjugal (Consenso, Satisfação, Coesão e Expressão de Afecto).

TABELA 15 - CORRELAÇÃO DO FACTOR AUTO-ESTIMA COM O FACTOR CONSENSO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.300	.043	-9.475	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.261	.032	-8.153	.000 ^c

Casos Válidos (N)

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal.

TABELA 16 - CORRELAÇÃO DO FACTOR AUTO-ESTIMA COM O FACTOR SATISFAÇÃO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.413	.042	-13.676	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.355	.030	-11.423	.000 ^c

Casos Válidos (N)

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal.

TABELA 17 - CORRELAÇÃO DO FACTOR AUTO-ESTIMA COM O FACTOR COESÃO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.243	.036	-7.547	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.222	.032	-6.858	.000 ^c

Casos Válidos (N)

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal.

TABELA 18 - CORRELAÇÃO DO FACTOR AUTO-ESTIMA COM O FACTOR EXPRESSÃO DE AFECTO

		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig.
Intervalo por Intervalo	Pearson's R	-.342	.039	-10.969	.000 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	-.280	.032	-8.787	.000 ^c

Casos Válidos (N)

a. Não assume a hipótese nula.

b. Usa o erro padrão assintótico assumindo a hipótese nula.

c. Baseado na aproximação normal.

Comparando agora os valores de correlação entre os factores das variáveis ajustamento conjugal e exclusividade sexual, verificam-se apenas índices de correlação

moderada entre auto-estima e satisfação ($r=0.413$), entre auto-estima e expressão de afecto ($r=.342$) e auto-estima e consenso ($r=0.300$), destacando-se particularmente a relação entre auto-estima e satisfação conjugal, pois apresenta um valor $r>0.4$ (superior aos demais valores de correlação).

As restantes combinações apresentam valores fracos de correlação ou seja, $r<0.3$ como podemos constatar no quadro 3.

QUADRO 4 - CORRELAÇÃO DO FACTOR SEXUALIDADE, COM OS FACTORES DA VARIÁVEL AJUSTAMENTO CONJUGAL

Correlação do factor Sexualidade (Exclusividade Sexual) com os factores da variável Ajustamento Conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto)										
		Intervalo por Intervalo Pearson's R				Ordinal por Ordinal Correlação Spearman				N Casos Válidos
		Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig	Valor	Asymp. Std. Error ^a	Approx. T ^b	Approx. Sig	
Sexualidade	Consenso	-.159	.037	-4.844	.000 ^c	-.198	.033	-6.090	.000**	909
	Satisfação	-.205	.038	-6.323	.000 ^c	-.215	.033	-6.628	.000**	
	Coesão	-.123	.035	-3.718	.000 ^c	-.143	.033	-4.350	.000**	
	Expressão de Afecto	-.178	.035	-5.459	.000 ^c	-.205	.033	-6.312	.000**	

** $p \leq 0.00$, * $p \leq 0.05$

Tal facto também pode ser constatado na análise anteriormente efectuada entre a variável ajustamento conjugal e os factores que compõem a exclusividade sexual, onde a variável auto-estima apresentava índices de correlação moderados e a variável sexualidade apresentava índices de correlação fracos.

A figura 1, representa as correlações existentes nas variáveis (Ajustamento Conjugal e Exclusividade Sexual) e respectivos factores (Satisfação, Coesão, Expressão de Afecto, Consenso e Sexualidade, Auto-estima).

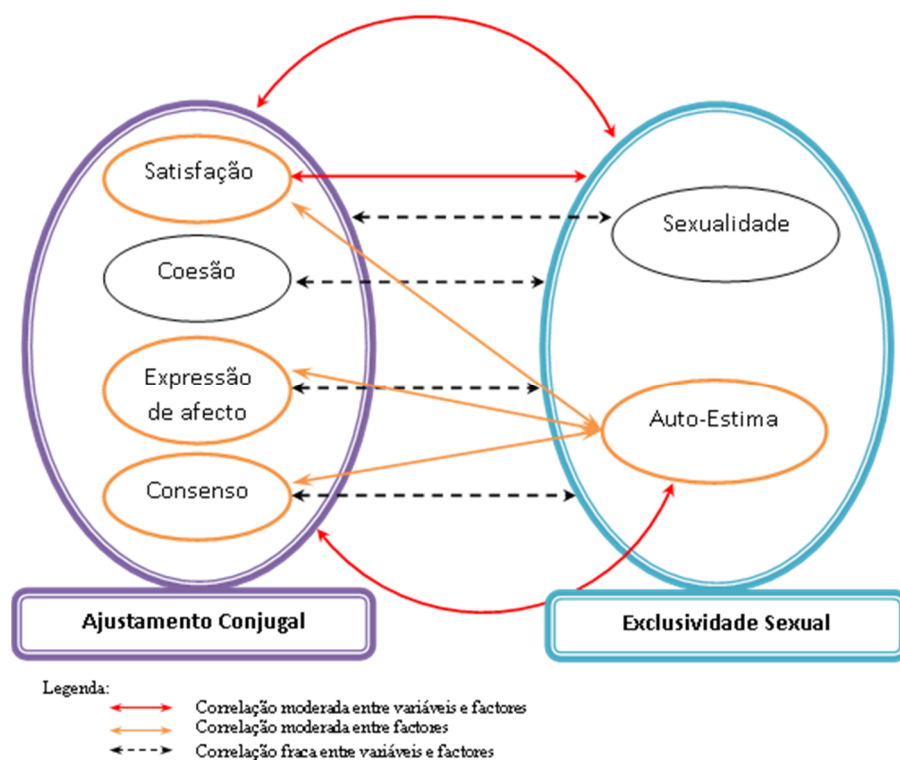


FIGURA 1 - MODELO CORRELACIONAL DAS VARIÁVEIS AJUSTAMENTO CONJUGAL E EXCLUSIVIDADE SEXUAL

Seguidamente apresenta-se a análise dos resultados para as hipóteses apresentadas anteriormente.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual no género masculino e feminino (considerando um alfa =0.05) foram consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{masculino}} = \mu_{\text{feminino}}$

- $H_1: \mu_{\text{masculino}} \neq \mu_{\text{feminino}}$

Onde o μ representa a exclusividade sexual.

TABELA 19 – TESTE T PARA AS VARIÁVEIS GÉNERO, EXCLUSIVIDADE SEXUAL E AJUSTAMENTO CONJUGAL

		N	M	DP	t	Sig.
Sexualidade	Homem	345	7,32	3,159	10,616	,000**
	Mulher	561	5,42	2,212	9,783	
Auto-estima	Homem	345	6,66	2,422	5,577	,000**

	Mulher	561	5,89	1,731	5,161	
Exclusividade Sexual	Homem	345	13,98	4,923	9,540	,000**
	Mulher	561	11,31	3,481	8,809	
Consenso	Homem	345	48,96	7,753	-,935	,594
	Mulher	561	49,45	7,592	-,931	
Satisfação	Homem	345	38,58	6,682	,282	,640
	Mulher	561	38,45	6,616	,281	
Coesão	Homem	345	14,83	4,262	-1,665	,678
	Mulher	561	15,33	4,344	-1,673	
Expressão Afecto	Homem	345	9,53	2,023	-,017	,425
	Mulher	561	9,53	2,207	-,018	
Ajustamento Conjugal	Homem	345	111,91	16,848	-,730	,762
	Mulher	561	112,76	17,321	-,734	

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais não são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é igual ou inferior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0,05$. Comparando o valor de significância bilateral do teste t , verifica-se que este é inferior ou igual ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0,05$. Desta forma, podemos rejeitar H_0 e afirmar com 95% de confiança que existem diferenças significativas entre a exclusividade sexual no género masculino e género feminino.

Do mesmo modo, considerando a hipótese relativa aos factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se que em ambos os casos existem diferenças estatisticamente significativas no género masculino e género feminino ($\alpha=0,05$).

Colocando agora a hipótese de existirem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal no género masculino e feminino (considerando um alfa $=0,05$) são consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{masculino}} = \mu_{\text{feminino}}$

- $H_1: \mu_{\text{masculino}} \neq \mu_{\text{feminino}}$

Onde o μ representa o ajustamento conjugal.

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é superior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) > \alpha \equiv 0,762 > 0,05$. Comparando o valor de significância bilateral do teste t , verifica-se que este é superior ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) > \alpha \equiv 0,466 > 0,05$. Assim sendo, teste t não comprova uma diferença entre o ajustamento conjugal e o

género masculino ($M = 111.91$, $SD = 16.848$) e o género feminino ($M = 112.76$, $SD = 17.321$), $t(904) = 0.730$, $p = 0.466$, $\alpha = 0.05$.

Ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que em todos os casos o teste t não comprova diferenças significativas no género masculino e género feminino ($\alpha=0.05$).

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual nos relacionamentos onde existem problemas e relacionamentos onde não existem problemas ($\alpha=.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

Sendo μ exclusividade sexual.

- $H_0: \mu_{\text{Existem problemas}} = \mu_{\text{Não existem problemas}}$
- $H_1: \mu_{\text{Existem problemas}} \neq \mu_{\text{Não existem problemas}}$

TABELA 20 – TESTE T PARA AS VARIÁVEIS PROBLEMAS NO RELACIONAMENTO EXCLUSIVIDADE SEXUAL E AJUSTAMENTO CONJUGAL

		N	M	DP	t	p
Sexualidade	Sim	400	6.58	2.974	4.292	.000**
	Não	506	5.79	2.548	4.216	
Auto-estima	Sim	400	6.77	2.433	7.891	.000**
	Não	506	5.72	1.549	7.509	
Exclusividade Sexual	Sim	400	13.35	4.832	6.552	.000**
	Não	506	11.51	3.606	6.337	
Consenso	Sim	400	45.68	8.227	-13.833	.000**
	Não	506	52.11	5.761	-13.289	
Satisfação	Sim	400	34.69	7.364	-17.921	.000**
	Não	506	41.53	3.934	-16.789	
Coesão	Sim	400	13.67	4.510	-9.766	.000**
	Não	506	16.35	3.759	-9.562	
Expressão Afecto	Sim	400	8.52	2.343	-14.095	.000**
	Não	506	10.35	1.547	-13.460	
Ajustamento Conjugal	Sim	400	102.55	18.460	-18.096	.000**
	Não	506	120.35	10.839	-17.091	

** $p \leq 0.00$, * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais não são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é igual ou inferior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é inferior ou igual ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Desta forma, podemos rejeitar H_0 e afirmar com 95% de confiança que existem diferenças significativas entre a exclusividade sexual nos relacionamentos onde existem problemas e relacionamentos onde não existem problemas.

Do mesmo modo, considerando as hipóteses relativas aos factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se que em ambos os casos existem diferenças estatisticamente significativas em relacionamentos com problemas e sem problemas ($\alpha=0.05$).

Colocando agora a hipótese de existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal em relacionamentos onde existem problemas e relacionamentos onde não existem problemas ($\alpha=0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

Sendo μ representado pelo ajustamento conjugal.

- $H_0: \mu_{\text{Existem problemas}} = \mu_{\text{Não existem problemas}}$
- $H_1: \mu_{\text{Existem problemas}} \neq \mu_{\text{Não existem problemas}}$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais não são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é igual ou inferior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é inferior ou igual ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Desta forma, podemos rejeitar H_0 e afirmar com 95% de confiança que existem diferenças significativas entre o ajustamento conjugal nos relacionamentos onde existem problemas e relacionamentos onde não existem problemas.

Ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que em todos os casos o teste t comprova diferenças significativas em relacionamentos com problemas e sem problemas ($\alpha=0.05$).

Analisemos agora a hipótese de existirem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual em relacionamentos com filhos e sem filhos ($\alpha=0.05$) são consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{Com filhos}} = \mu_{\text{Sem filhos}}$

- $H_1: \mu_{\text{Com filhos}} \neq \mu_{\text{Sem filhos}}$

Onde o μ representa a exclusividade sexual.

TABELA 21 – TESTE T PARA AS VARIÁVEIS TER FILHOS, EXCLUSIVIDADE SEXUAL E AJUSTAMENTO CONJUGAL

		N	M	DP	t	p
Sexualidade	Sim	171	6.26	2.893	.693	.488
	Não	734	6.10	2.726	.668	.505
Auto-estima	Sim	171	6.18	2.219	.030	.976
	Não	734	6.17	2.000	.028	.978
Exclusividade Sexual (atitudes)	Sim	171	12.44	4.589	.462	.644
	Não	734	12.27	4.190	.437	.663
Consenso	Sim	171	49.70	7.438	.767	.443
	Não	734	49.20	7.677	.783	.435
Satisfação	Sim	171	38.74	6.907	.522	.602
	Não	734	38.44	6.566	.506	.613
Coesão	Sim	171	14.82	4.513	-1.104	.270
	Não	734	15.23	4.283	-1.069	.286
Expressão Afecto	Sim	171	9.49	2.151	-.348	.728
	Não	734	9.55	2.136	-.347	.729
Ajustamento Conjugal	Sim	171	112.75	17.507	.222	.825
	Não	734	112.43	17.054	.218	.828

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é superior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) > \alpha \equiv .113 > 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é superior ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) > \alpha \equiv 0.644 > 0.05$. Assim sendo, o teste t-student não comprova uma diferença entre a exclusividade sexual em relacionamentos com filhos ($M = 12.44$, $SD = 4.589$) e sem filhos ($M = 12.27$, $SD = 4.190$), $t(903) = .462$, $p = .644$, $\alpha = 0.05$.

Ao analisar os factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se do mesmo modo, em todos os casos o t-student não comprova diferenças significativas em relacionamentos com filhos e sem filhos ($\alpha=0.05$).

Colocando a hipótese de existirem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal em relacionamentos com filhos e sem filhos ($\alpha=0.05$) são consideradas as seguintes hipóteses:

Onde o μ representa o ajustamento conjugal.

$$- H_0: \mu_{\text{Com filhos}} = \mu_{\text{Sem filhos}}$$

$$- H_1: \mu_{\text{Com filhos}} \neq \mu_{\text{Sem filhos}}$$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é superior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) > \alpha \equiv 0.931 > 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é superior ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) > \alpha \equiv 0.825 > 0.05$. Assim sendo, o teste t-student não comprova uma diferença entre o ajustamento conjugal em relacionamentos com filhos ($M = 112.75$, $SD = 17.507$) e sem filhos ($M = 112.43$, $SD = 17.054$), $t(903) = 0.222$, $p=0.825$, $\alpha = 0.05$.

Ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que, do mesmo modo, em todos os casos o t-student não comprova diferenças significativas em relacionamentos com filhos e sem filhos ($\alpha=0.05$).

Considerando a hipótese de existirem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa (considerando-se uma vida sexual activa dentro do relacionamento) ($\alpha=0.05$), temos:

$$- H_0: \mu_{\text{tem vida sexual activa}} = \mu_{\text{não tem vida sexual activa}}$$

$$- H_1: \mu_{\text{tem vida sexual activa}} \neq \mu_{\text{não tem vida sexual activa}}$$

Onde o μ representa a exclusividade sexual.

TABELA 22 – TESTE T PARA AS VARIÁVEIS VIDA SEXUAL ACTIVA, EXCLUSIVIDADE SEXUAL E AJUSTAMENTO CONJUGAL

		N	M	DP	t	p
Sexualidade	Sim	853	6.17	2.776	.765	.445
	Não	50	5.86	2.763	.768	.446

Auto-estima	Sim	853	6.13	1.976	-2.915	.004
	Não	50	7.00	2.969	-2.037	.047
Exclusividade Sexual	Sim	853	12.30	4.239	-.893	.372
	Não	50	12.86	5.111	-.756	.453
Consenso	Sim	853	49.56	7.318	4.158	.000**
	Não	50	45.00	10.593	3.000	.004***
Satisfação	Sim	853	38.94	6.143	7.578	.000**
	Não	50	31.92	9.435	5.196	.000**
Coesão	Sim	853	15.33	4.170	4.902	.000**
	Não	50	12.30	5.437	3.875	.000**
Expressão Afecto	Sim	853	9.69	1.976	8.738	.000**
	Não	50	7.08	3.109	5.871	.000**
Ajustamento Conjugal	Sim	853	113.52	15.915	7.160	.000**
	Não	50	96.30	24.866	4.838	.000**

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$, *** $p \leq 0.1$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é superior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) > \alpha \equiv 0.205 > 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é superior ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) > \alpha \equiv .372 > 0.05$. Assim sendo, o teste t-student não comprova uma diferença entre a exclusividade sexual em indivíduos com uma vida sexual activa ($M = 12.30$, $SD = 4.239$) e sem uma vida sexual activa ($M=12.86$, $SD=5.111$), $t(901) = 0.893$, $p=.372$, $\alpha=0.05$.

Ao analisar os factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se do mesmo modo, em todos os casos o t-student não comprova diferenças significativas em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa ($\alpha=0.05$).

Colocando agora a hipótese de existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa ($\alpha=0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

Sendo que μ representa o ajustamento conjugal.

- $H_0: \mu_{\text{tem vida sexual activa}} = \mu_{\text{não tem vida sexual activa}}$

- $H_1: \mu_{\text{tem vida sexual activa}} \neq \mu_{\text{não tem vida sexual activa}}$

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais não são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é igual ou inferior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é inferior ou igual ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$. Desta forma, podemos rejeitar H_0 e afirmar com 95% de confiança que existem diferenças significativas entre o ajustamento conjugal em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa.

Ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que em todos os casos o t-student comprova diferenças significativas em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa ($\alpha=0.05$).

Para a análise das seguintes hipóteses utilizou-se a ANOVA é uma extensão do t-student, que permite comparar duas ou mais médias. “Quando se testa a igualdade de mais de duas médias, e dependendo da natureza nominal ou ordinal do factor, recorre-se aos testes Post-hoc, à análise da tendência ou às comparações planeadas, para saber quais as médias que se diferenciam entre si” (Pestana & Gageiro, 2008, p.274).

TABELA 23 – DIFERENÇAS ENTRE O FACTOR “CLASSE DE IDADES” E A VARIÁVEL “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

	N	M	DP	Levene (p)	ANOVA		
					F	p	
Ajustamento Conjugal	15 aos 24 anos	370	113.78	16.191			
	25 aos 34 anos	330	112.99	16.858			
	35 aos 44 anos	126	111.04	17.068			
	45 aos 54 anos	48	103.75	22.315	.013	3.521	.004***
	55 aos 64 anos	19	110.16	11.829			
	65 aos 74 anos	2	124.00	2.828			
	Total	895	112.51	16.974			
Consenso	15 aos 24 anos	370	49.33	7.618			
	25 aos 34 anos	330	49.58	7.503			
	35 aos 44 anos	126	49.43	7.359			
	45 aos 54 anos	48	46.58	9.088	.158	1.470	.197
	55 aos 64 anos	19	48.68	6.092			
	65 aos 74 anos	2	53.50	2.121			
	Total	895	49.28	7.603			
Satisfação	15 aos 24 anos	370	38.72	6.525			
	25 aos 34 anos	330	38.72	6.358	.066	2.100	.063
	35 aos 44 anos	126	38.52	6.500			

	45 aos 54 anos	48	35.67	8.563			
	55 aos 64 anos	19	39.16	4.891			
	65 aos 74 anos	2	42.00	2.828			
	Total	895	38.55	6.573			
	15 aos 24 anos	370	15.88	3.957			
	25 aos 34 anos	330	15.45	4.037			
	35 aos 44 anos	126	13.56	4.681			
Coesão	45 aos 54 anos	48	12.52	5.426	,012	11.765	.000**
	55 aos 64 anos	19	12.53	3.565			
	65 aos 74 anos	2	18.00	1.414			
	Total	895	15.15	4.299			
	15 aos 24 anos	370	9.85	1.901			
	25 aos 34 anos	330	9.24	2.296			
	35 aos 44 anos	126	9.53	2.186			
Expressão de Afecto	45 aos 54 anos	48	8.98	2.428	,013	3.722	.002*
	55 aos 64 anos	19	9.79	1.843			
	65 aos 74 anos	2	10.50	.707			
	Total	895	9.53	2.138			

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$, *** $p \leq 0.1$

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e as classes de idades ($\alpha = .05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

Sendo μ o ajustamento conjugal e n o número de classes de idades.

- H_0 : $\mu_{\text{classe 1}} = \mu_{\text{classe 2}} = \dots = \mu_{\text{classe n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância é < 0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é < 0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente < 0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos uma classe de idades onde se verifica diferenças significativas relativamente ao ajustamento conjugal. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é não verificado recorreremos ao método *Games-Howell* para identificar a classe (ou classes) responsável pela diferença.

TABELA 24- TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
 COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (AJUSTAMENTO CONJUGAL, COESÃO E EXPRESSÃO DE AFECTO
 COM CLASSE DE IDADES)

	(I) Classes de Idades	(J) Classes de Idades	Diferença Média (I-J) Ajustamento Conjugal	Diferença Média (I-J) Coesão	Diferença Média (I-J) Expressão de afecto
<i>Games-Howell</i>		25 aos 34 anos	.793	.432	.612*
		35 aos 44 anos	2.744	2.320*	.320
	15 aos 24 anos	45 aos 54 anos	10.034*	3.363*	.872
		55 aos 64 anos	3.626	3.357*	.062
		65 aos 74 anos	-10.216	-2.116	-.649
		15 aos 24 anos	-.793	-.432	-.612*
		35 aos 44 anos	1.951	1.888*	-.292
	25 aos 34 anos	45 aos 54 anos	9.241	2.931*	.260
		55 aos 64 anos	2.833	2.925*	-.550
		65 aos 74 anos	-11.009	-2.548	-1.261
		15 aos 24 anos	-2.744	-2.320*	-.320
		25 aos 34 anos	-1.951	-1.888*	.292
	35 aos 44 anos	45 aos 54 anos	7.290	1.043	.553
		55 aos 64 anos	.882	1.037	-.258
		65 aos 74 anos	-12.960	-4.437	-.968
		15 aos 24 anos	-10.034*	-3.363*	-.872
		25 aos 34 anos	-9.241	-2.931*	-.260
	45 aos 54 anos	35 aos 44 anos	-7.290	-1.043	-.553
		55 aos 64 anos	-6.408	-.005	-.810
		65 aos 74 anos	-20.250*	-5.479	-1.521
		15 aos 24 anos	-3.626	-3.357*	-.062
		25 aos 34 anos	-2.833	-2.925*	.550
	55 aos 64 anos	35 aos 44 anos	-.882	-1.037	.258
		45 aos 54 anos	6.408	.005	.810
		65 aos 74 anos	-13.842*	-5.474	-.711
		15 aos 24 anos	10.216	2.116	.649
		25 aos 34 anos	11.009	2.548	1.261
	65 aos 74 anos	35 aos 44 anos	12.960	4.437	.968
		45 aos 54 anos	20.250*	5.479	1.521
		55 aos 64 anos	13.842*	5.474	.711

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas no ajustamento conjugal entre a classe de idades 45-54 e a classe de idades 15-24 $F(5,889) = 3.521, p < 0.05$. Não considerámos as diferenças da classe de idades 65-74, devido à amostra ser muito reduzida ($n=2$).

Utilizando o mesmo método para os factores relativos ao ajustamento conjugal, verifica-se que existem diferenças significativas quanto à coesão e expressão de afecto. Nos factores consenso e satisfação não se constata diferenças nas várias classes de idades. Quanto ao factor coesão, após a análise dos resultados obtidos através do método *Games-Howell*, destacam-se diferenças entre a classe de idades 15-34 (15-24 e 25-34) e a classe de idades 35-64 (35-44, 45-54 e 55-64). Relativamente ao factor expressão de afecto, apenas se destacam diferenças entre a classe de idades 15-24 e 25-34.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual e as classes de idades ($\alpha= 0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

- H_0 : $\mu_{\text{classe 1}} = \mu_{\text{classe 2}} = \dots = \mu_{\text{classe n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual e n o número de classes de idades.

TABELA 25 - DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “CLASSES DE IDADES” E O FACTOR “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

		N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
						F	<i>p</i>
Exclusividade Sexual	15 aos 24 anos	370	11.81	3.961	.000	2.977	.011*
	25 aos 34 anos	330	12.44	4.260			
	35 aos 44 anos	126	13.35	4.888			
	45 aos 54 anos	48	12.67	4.692			
	55 aos 64 anos	19	13.47	4.903			
	65 aos 74 anos	2	10.50	2.121			
	Total	895	12.34	4.295			
Sexualidade	15 aos 24 anos	370	5.85	2.530	.000	2.912	.013*
	25 aos 34 anos	330	6.17	2.661			
	35 aos 44 anos	126	6.88	3.372			
	45 aos 54 anos	48	6.31	3.269			
	55 aos 64 anos	19	6.79	2.879			
	65 aos 74 anos	2	5.50	2.121			
	Total	895	6.16	2.774			
Auto-estima	15 aos 24 anos	370	5.96	1.830	.005	1.899	.092
	25 aos 34 anos	330	6.27	2.173			
	35 aos 44 anos	126	6.47	2.283			
	45 aos 54 anos	48	6.35	1.940			
	55 aos 64 anos	19	6.68	2.605			
	65 aos 74 anos	2	5.00	.000			
	Total	895	6.18	2.056			

* $p \leq 0.05$,

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância é <0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos uma das classes de idades onde se verificam diferenças significativas relativamente à exclusividade. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado recorreremos ao método de *Games-Howell* para identificar a classe (ou classes) responsável pela diferença.

TABELA 26 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (EXCLUSIVIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE COM CLASSE DE IDADES)

(I) Classes de Idades	(J) Classes de Idades	Diferença Média (I-J) Exclusividade Sexual	Diferença Média (I-J) Sexualidade
15 aos 24 anos	25 aos 34 anos	-.629	-.318
	35 aos 44 anos	-1.538*	-1.032*
	45 aos 54 anos	-.856	-.464
	55 aos 64 anos	-1.663	-.941
	65 aos 74 anos	1.311	.349
25 aos 34 anos	15 aos 24 anos	.629	.318
	35 aos 44 anos	-.910	-.714
	45 aos 54 anos	-.227	-.146
	55 aos 64 anos	-1.034	-.623
	65 aos 74 anos	1.939	.667
35 aos 44 anos	15 aos 24 anos	1.538*	1.032*
	25 aos 34 anos	.910	.714
	45 aos 54 anos	.683	.568
	55 aos 64 anos	-.124	.091
	65 aos 74 anos	2.849	1.381
45 aos 54 anos	15 aos 24 anos	.856	.464
	25 aos 34 anos	.227	.146
	35 aos 44 anos	-.683	-.568
	55 aos 64 anos	-.807	-.477
	65 aos 74 anos	2.167	.813
55 aos 64 anos	15 aos 24 anos	1.663	.941
	25 aos 34 anos	1.034	.623
	35 aos 44 anos	.124	-.091
	45 aos 54 anos	.807	.477
	65 aos 74 anos	2.974	1.289
65 aos 74 anos	15 aos 24 anos	-1.311	-.349
	25 aos 34 anos	-1.939	-.667
	35 aos 44 anos	-2.849	-1.381
	45 aos 54 anos	-2.167	-.813
	55 aos 64 anos	-2.974	-1.289

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas na exclusividade sexual entre as classes de idades 15-24 e 35-44 $F(5,889) = 2.977, p < .05$.

Utilizando o mesmo método para os factores relativos à exclusividade sexual, verifica-se que apenas existem diferenças significativas quanto ao factor sexualidade, sendo que após a análise dos resultados obtidos através do método *Games-Howell*, destacam-se diferenças entre as classes de idades 15-24 e 35-44.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e o estatuto socioeconómico ($\alpha = .05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

Sendo μ o ajustamento conjugal e n o número de estatutos.

- H_0 : $\mu_{\text{estatuto 1}} = \mu_{\text{estatuto 2}} = \dots = \mu_{\text{estatuto n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

TABELA 27 – DIFERENÇAS ENTRE O FACTOR “ESTATUTO SOCIOECONÓMICO” COM A VARIÁVEL “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

		N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
						F	<i>p</i>
Ajustamento Conjugal	Alto	20	108.95	23.162	.032	1.848	.118
	Médio-Alto	165	113.09	17.663			
	Médio	512	113.40	15.948			
	Médio-Baixo	187	109.83	18.762			
	Baixo	22	110.32	17.940			
	Total	906	112.43	17.135			
Consenso	Alto	20	48.60	9.344	.019	2.535	.039*
	Médio-Alto	165	49.68	7.362			
	Médio	512	49.72	7.062			
	Médio-Baixo	187	47.74	8.967			
	Baixo	22	48.50	8.016			
	Total	906	49.25	7.647			
Satisfação	Alto	20	36.00	9.142	.034	1.317	.262
	Médio-Alto	165	38.77	7.149			
	Médio	512	38.73	6.151			
	Médio-Baixo	187	37.91	7.125			
	Baixo	22	38.23	6.436			
	Total	906	38.50	6.636			

Coesão	Alto	20	14.80	5.899	.024	.545	.703
	Médio-Alto	165	15.15	4.547			
	Médio	512	15.30	4.156			
	Médio-Baixo	187	14.88	4.443			
	Baixo	22	14.36	3.812			
	Total	906	15.15	4.321			
Expressão Afecto	Alto	20	9.55	2.350	.014	1.114	.348
	Médio-Alto	165	9.48	2.373			
	Médio	512	9.65	1.993			
	Médio-Baixo	187	9.29	2.198			
	Baixo	22	9.23	2.827			
	Total	906	9.54	2.140			

* $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é verificado, pois o seu nível de significância é >0.05 . Dado que o nível de significância da ANOVA é superior a 0.05, não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre o ajustamento conjugal e o estatuto socioeconómico $F(5,889) = 1.848, p < 0.05$. O mesmo se verifica para todos os factores que compõe esta variável, a saber: consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual e o estatuto socioeconómico ($\alpha = 0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{estatuto 1}} = \mu_{\text{estatuto 2}} = \dots = \mu_{\text{estatuto n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual e n o número de estatutos.

TABELA 28 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “ESTATUTO SOCIOECONÓMICO” E A VARIÁVEL “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

	N	M	DP	Levene (p)	ANOVA		
					F	p	
Exclusividade Sexual	Alto	20	14.10	5.418	.013	1.910	.107
	Médio-Alto	165	12.48	4.332			
	Médio	512	12.21	4.141			
	Médio-Baixo	187	12.51	4.595			
	Baixo	22	10.68	2.715			
	Total	906	12.32	4.285			

Sexualidade	Alto	20	7.70	4.014	.000	3.117	.015*
	Médio-Alto	165	6.36	3.052			
	Médio	512	6.10	2.657			
	Médio-Baixo	187	6.06	2.710			
	Baixo	22	4.86	1.125			
	Total	906	6.14	2.767			
Auto-estima	Alto	20	6.40	2.280	.029	1.208	.306
	Médio-Alto	165	6.12	1.918			
	Médio	512	6.11	1.953			
	Médio-Baixo	187	6.45	2.401			
	Baixo	22	5.82	1.918			
	Total	906	6.18	2.055			

* $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância é < 0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é > 0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente > 0.05 não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o estatuto socioeconómico $F(4,901) = 1.910, p < 0.05$.

TABELA 29 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (SEXUALIDADE COM CLASSES DE IDADES)

	(I)	(J)	Diferença Média (I-J)
	Classes de Idades	Estatuto Socioeconómico	Sexualidade
<i>Games-Howell</i>	Alto	Médio-Alto	1.342
		Médio	1.604
		Médio-Baixo	1.641
		Baixo	2.836*
	Médio Alto	Alto	-1.342
		Médio	.262
		Médio-Baixo	.299
		Baixo	1.494
	Médio	Alto	-1.604
		Médio-Alto	-.262
		Médio-Baixo	.037
		Baixo	1.232
	Médio-Baixo	Alto	-1.641
		Médio-Alto	-.299
		Médio	-.037
		Baixo	1.195
	Baixo	Alto	-2.836*
		Médio-Alto	-1.494
Médio		-1.232	
Médio-Baixo		-1.195	

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

No entanto, ao isolar o factor sexualidade, constata-se que existem diferenças significativas quanto ao estatuto socioeconómico, nomeadamente entre o Estatuto Alto e o Estatuto Baixo. Tal não sucede no factor auto-estima, onde não se comprovam diferenças significativas.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e o grau de escolaridade ($\alpha= 0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

$$- H_0: \mu_{\text{grau } 1} = \mu_{\text{grau } 2} = \dots = \mu_{\text{grau } n}$$

- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa o ajustamento conjugal e n o número de graus de escolaridade.

TABELA 30 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE” E O FACTOR “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

		N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
						F	p
Ajustamento Conjugal	Até 12º ano	237	111.60	18.575	.323	.664	.515
	Licenciatura	466	113.09	16.131			
	Pós-Graduação	206	112.07	17.596			
	Total	909	112.47	17.125			
Consenso	Até 12º ano	237	49.23	8.107	.596	.346	.708
	Licenciatura	466	49.45	7.486			
	Pós-Graduação	206	48.92	7.481			
	Total	909	49.27	7.646			
Satisfação	Até 12º ano	237	37.76	6.897	.702	2.337	.097
	Licenciatura	466	38.65	6.458			
	Pós-Graduação	206	39.06	6.660			
	Total	909	38.51	6.631			
Coessão	Até 12º ano	237	15.16	4.711	.043	1.588	.205
	Licenciatura	466	15.35	4.124			
	Pós-Graduação	206	14.70	4.272			
	Total	909	15.15	4.320			
Expressão Afecto	Até 12º ano	237	9.46	2.261	.065	1.201	.301
	Licenciatura	466	9.64	2.009			
	Pós-Graduação	206	9.39	2.269			
	Total	909	9.54	2.138			

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é verificado, pois o seu nível de significância é >0.05 . Dado que o nível de

significância da ANOVA é >0.05 , não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre o ajustamento conjugal e o grau de escolaridade $F(2,906) = 0.664, p < 0.05$. O mesmo se verifica para todos os factores que compõe esta variável, a saber: consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual e o grau de escolaridade ($\alpha = 0.05$) foram consideradas as seguintes hipóteses:

$$- H_0: \mu_{\text{grau 1}} = \mu_{\text{grau 2}} = \dots = \mu_{\text{grau n}}$$

- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual e n o número de graus de escolaridade.

TABELA 31 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE” E A VARIÁVEL “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

		N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
						F	p
Exclusividade Sexual	Até 12º ano	237	12.72	4.881	.001	2.90	.056
	Licenciatura	466	11.99	3.985			
	Pós-graduação	206	12.61	4.165			
	Total	909	12.32	4.285			
Sexualidade	Até 12º ano	237	6.25	2.978	.012	2.067	.127
	Licenciatura	466	5.97	2.576			
	Pós-graduação	206	6.41	2.922			
	Total	909	6.14	2.769			
Auto-estima	Até 12º ano	237	6.47	2.407	.000	3.729	.024*
	Licenciatura	466	6.02	1.872			
	Pós-graduação	206	6.20	1.972			
	Total	909	6.18	2.052			

* $p < 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância < 0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é > 0.05 e que o nível de significância do teste robusto de *Brown-Forsyth* é igualmente > 0.05 , não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o grau de escolaridade $F(2,906) = 2.900, p < 0.05$.

TABELA 32 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (AUTO-ESTIMA COM ESCOLARIDADE)

	(I) Classes de Idades	(J) Classes de Idades	Diferença Média (I-J) Auto-estima
<i>Games-Howell</i>	Até 12 anos	Licenciatura	.445*
		Pós-graduação	.264
	Licenciatura	Até 12 anos	-.445*
		Pós-graduação	-.180
	Pós-graduação	Até 12 anos	-.264
		Licenciatura	.180

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

No entanto, ao isolar o factor auto-estima, constata-se que existem diferenças significativas, verificadas através do método de *Games-Howell*, quanto ao grau de escolaridade, nomeadamente entre o grau até ao 12º ano e o grau licenciatura. Tal não sucede no factor sexualidade, onde não se comprovam diferenças significativas.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e o tempo de relacionamento, considerando um $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{intervalo 1}} = \mu_{\text{intervalo 2}} = \dots = \mu_{\text{intervalo n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa o ajustamento conjugal e n o número de intervalos relativos ao tempo de relacionamento.

TABELA 33 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “TEMPO DE RELACIONAMENTO” E A VARIÁVEL “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

	N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA		
					F	<i>p</i>	
Ajustamento Conjugal	Até 2 anos	311	114.54	17.623	.321	5.287	.001*
	2 aos 5 anos	278	112.97	15.624			
	5 aos 8 anos	112	112.76	15.465			
	Mais que 8 anos	208	108.56	18.554			

	Total	909	112.47	17.125			
	Até 2 anos	311	49.64	8.113			
	2 aos 5 anos	278	49.14	7.159			
Consenso	5 aos 8 anos	112	49.64	7.534	.757	.754	.520
	Mais que 8 anos	208	48.69	7.631			
	Total	909	49.27	7.646			
	Até 2 anos	311	38.88	7.061			
	2 aos 5 anos	278	38.60	6.025			
Satisfação	5 aos 8 anos	112	38.89	5.577	.085	1.698	.166
	Mais que 8 anos	208	37.63	7.201			
	Total	909	38.51	6.631			
	Até 2 anos	311	16.16	4.044			
	2 aos 5 anos	278	15.60	4.049			
Coessão	5 aos 8 anos	112	15.06	3.687	.031	24.392	.000**
	Mais que 8 anos	208	13.08	4.694			
	Total	909	15.15	4.320			
Expressão de Afecto	Até 2 anos	311	9.86	1.976			
	2 aos 5 anos	278	9.62	2.071			
	5 aos 8 anos	112	9.16	2.175	.146	5.797	.001*
	Mais que 8 anos	208	9.16	2.355			
	Total	909	9.54	2.138			

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é >0.05 . Dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos um intervalo onde se verificam diferenças significativas relativamente ao ajustamento conjugal. Tendo verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias e dado que as dimensões das amostras são consideravelmente diferentes recorreremos ao teste de *Hochberg GT2* para identificar os intervalos onde existem as diferenças.

TABELA 34 - TESTE *POST-HOC* DE HOCHBERG GT2
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (AJUSTAMENTO CONJUGAL E EXPRESSÃO DE AFECTO COM TEMPO DE
RELACIONAMENTO)

	(I)	(J)	Diferença Média (I-J)	Diferença Média (I-J)
Hochberg GT2	Tempo de relacionamento (classes)	Tempo de relacionamento (classes)	Ajustamento Conjugal	Expressão de Afecto

	2 até 5 anos	1.573	.237
Até 2 anos	5 até 8 anos	1.781	.695*
	Mais que 8 anos	5.978*	.692*
	Até 2 anos	-1.573	-.237
2 até 5 anos	5 até 8 anos	.209	.458
	Mais que 8 anos	4.405*	.455
	Até 2 anos	-1.781	-.695*
5 até 8 anos	2 até 5 anos	-.209	-.458
	Mais que 8 anos	4.196	-.003
	Até 2 anos	-5.978*	-.692*
Mais que 8 anos	2 até 5 anos	-4.405*	-.455
	5 até 8 anos	-4.196	.003

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas no ajustamento conjugal entre os relacionamentos com mais de 8 anos e os relacionamentos até 5 anos (intervalos de 0 até 1,99 anos e de 2 até 4,99 anos) $F(3,905) = 5.287, p < 0.05$. Utilizando o mesmo método para o factor expressão de afecto (o nível de significância da ANOVA é < 0.05 e existe homogeneidade de variâncias) constatamos diferenças significativas no ajustamento conjugal entre os relacionamentos até 2 anos e os relacionamentos com mais de 5 anos (intervalos 5 até 7,99 anos e 8 ou mais anos) $F(3,905) = 5.797, p < 0.05$.

Relativamente ao factor coesão não verificamos homogeneidade de variâncias, mas o nível de significância da ANOVA é < 0.05 e o teste robusto de *Brown-Forsyth* é igualmente < 0.05 , pelo que existe pelo menos um intervalo onde se verificam diferenças significativas. Analisando o teste de *Games-Howell* para o factor coesão concluímos que existem diferenças significativas na coesão entre os relacionamentos com mais de 8 anos e os relacionamentos com menos de 8 anos (intervalos de 0 até 1,99 anos, 2 até 4,99 anos e de 5 até 7,99 anos) $F(3,905) = 5.287, p < 0.05$.

TABELA 35 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (COESÃO COM TEMPO DE RELACIONAMENTO)

	(I)	(J)	Diferença Média
	Tempo de relacionamento	Tempo de relacionamento	(I-J)
	(classes)	(classes)	Coesão
<i>Games-Howell</i>		2 até 5 anos	.560
	Até 2 anos	5 até 8 anos	1.101*
		Mais que 8 anos	3.082*

	Até 2 anos	-560
2 até 5 anos	5 até 8 anos	.542
	Mais que 8 anos	2.523*
	Até 2 anos	-1.101*
5 até 8 anos	2 até 5 anos	-.542
	Mais que 8 anos	1.981*
	Até 2 anos	-3.082*
Mais que 8 anos	2 até 5 anos	-2.523*
	5 até 8 anos	-1.981*

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

Quanto aos restantes factores da variável ajustamento conjugal (consenso e satisfação) não se verificaram diferenças significativas relativamente ao tempo de relacionamento.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o tempo de relacionamento, considerando um $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- H_0 : $\mu_{\text{intervalo 1}} = \mu_{\text{intervalo 2}} = \dots = \mu_{\text{intervalo n}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual e n o número de intervalos relativos ao tempo de relacionamento.

TABELA 36 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “TEMPO DE RELACIONAMENTO” E A VARIÁVEL “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

		N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
						F	p
Exclusividade Sexual	Até 2 anos	311	12.39	4.307	.026	.634	.591
	2 aos 5 anos	278	12.07	3.876			
	5 aos 8 anos	112	12.27	4.597			
	Mais que 8 anos	208	12.60	4.599			
	Total	909	12.32	4.285			
Sexualidade	Até 2 anos	311	6.21	2.803	.011	.458	.712
	2 aos 5 anos	278	6.00	2.471			
	5 aos 8 anos	112	6.08	2.920			
	Mais que 8 anos	208	6.26	3.011			
	Total	909	6.14	2.769			
Auto-estima	Até 2 anos	311	6.18	1.973	.278	.653	.581
	2 aos 5 anos	278	6.07	1.937			
	5 aos 8 anos	112	6.19	2.183			
	Mais que 8 anos	208	6.33	2.242			
	Total	909	6.18	2.052			

Efectuado o teste de Levene constata-se que é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é >0.05 . Dado que o nível de significância da ANOVA é >0.05 , não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o tempo de relacionamento $F(3,905) = 11.705, p < 0.05$. O mesmo se verifica para todos os factores que compõe esta variável (sexualidade e auto-estima).

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre o tempo de relacionamento e a orientação sexual, considerando um $\alpha=0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{heterossexuak}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
 - H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais
- Onde o μ representa o tempo de relacionamento.

TABELA 37 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL TEMPO DE RELACIONAMENTO E A VARIÁVEL ORIENTAÇÃO SEXUAL

	N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
					F	p
Heterossexual	545	7.6121	7.94668	.000	57.307	.000**
Bissexual	93	2.4441	2.58455			
Homossexual	270	2.9944	3.93031			
Total	908	5.7097	6.97121			

** $p \leq 0.001$

Efectuado o teste de Levene constata-se que não é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é inferior a 0.05. No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 e que o nível de significância do teste robusto de *Brown-Forsyth* é igualmente <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos um dos tipos de orientação sexual onde se verificam diferenças significativas no tempo de relacionamento. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é não verificado recorreremos ao método *Games-Howell* para identificar qual o tipo (ou tipos) de orientação com diferenças significativas.

TABELA 38 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (TEMPO DE RELACIONAMENTO COM ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média (I-J)
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	5,16802*
		Homossexual	4,61767*
	Bissexual	Heterossexual	-5,16802*
		Homossexual	-,55036
	Homossexual	Heterossexual	-4,61767*
		Bissexual	,55036

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas no tempo de relacionamento entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual) $F(2,905) = 57.307, p < 0.05$.

Considerou-se o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a existência de problemas no relacionamento e a orientação sexual, considerando um $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{heterossexual}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a existência de problemas no relacionamento.

TABELA 39 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL ORIENTAÇÃO SEXUAL E A VARIÁVEL PROBLEMAS NO RELACIONAMENTO

	N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
					F	<i>p</i>
Heterossexual	543	1.61	.487	.001	8.946	.000**
Bissexual	92	1.42	.497			
Homossexual	270	1.50	.501			
Total	905	1.56	.497			

** $p \leq 0.001$

Efectuado o teste de Levene constata-se que não é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é < 0.05 . No entanto, dado que

o nível de significância da ANOVA é <0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos um dos tipos de orientação sexual onde se verificam diferenças significativas relativamente à existência de problemas no relacionamento. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é não verificado recorremos ao método *Games-Howell* para identificar qual o tipo (ou tipos) de orientação com diferenças significativas.

TABELA 40 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (PROBLEMAS RELACIONAMENTO COM ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média (I-J)
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	.189*
		Homossexual	.117*
	Bissexual	Heterossexual	-.189*
		Homossexual	-.072
	Homossexual	Heterossexual	-.117*
		Bissexual	.072

* A diferença é significativa para um nível de confiança de 0.05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas nos problemas de relacionamento entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual) $F(2,902) = 8.946, p < 0.05$.

Finalizada a análise dos resultados para os objectivos e respectivas hipóteses, analisaram-se outros resultados que também são considerados pertinentes para o estudo em questão.

Colocou-se outro objectivo que seria testar a existência de diferenças significativas entre o grau de felicidade no relacionamento e a orientação sexual, considerando um $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{heterossexual}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
 - H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais
- Onde o μ representa o grau de felicidade no relacionamento.

TABELA 41 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “FELICIDADE NA RELAÇÃO” E VARIÁVEL “ORIENTAÇÃO SEXUAL”

	N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
					F	<i>p</i>
Heterossexual	514	4,04	,874	.244	1.076	.341
Bissexual	90	4,01	,942			
Homossexual	265	4,13	,829			
Total	869	4,06	,868			

Efectuado o teste de Levene constata-se que é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é >0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 , não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre o grau de felicidade no relacionamento e a orientação sexual $F(2.886) = 1.076, p < 0.05$.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável ajustamento conjugal e o local de residência, considerando $\alpha=0.05$, temos as seguintes hipóteses:

Sendo μ o ajustamento conjugal e n o número de valores diferentes que a variável local de residência pode assumir.

- $H_0: \mu_{\text{local } 1} = \mu_{\text{local } 2} = \dots = \mu_{\text{local } n}$

- $H_1: \text{ pelo menos uma das médias é diferente das demais}$

TABELA 42 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “RESIDÊNCIA” E A VARIÁVEL “AJUSTAMENTO CONJUGAL”

		N	M	DP	Levene (<i>p</i>)	ANOVA	
						F	<i>p</i>
Ajustamento Conjugal	Grande Meio Urbano	395	112.39	16.466	.554	.291	.832
	Pequeno Meio Urbano	389	112.14	17.785			
	Grande Meio Rural	69	113.59	16.414			
	Pequeno Meio Rural	51	114.02	17.516			
	Total	904	112.47	17.081			
Consenso	Grande Meio Urbano	395	49.10	7.546	.664	.270	.847
	Pequeno Meio Urbano	389	49.28	7.891			
	Grande Meio Rural	69	49.57	7.329			
	Pequeno Meio Rural	51	50.04	6.943			
	Total	904	49.27	7.640			

	Grande Meio Urbano	395	38.30	6.496			
	Pequeno Meio Urbano	389	38.58	6.819			
Satisfação	Grande Meio Rural	69	39.01	6.263	.755	.359	.783
	Pequeno Meio Rural	51	38.96	6.690			
	Total	904	38.51	6.624			
	Grande Meio Urbano	395	15.52	4.047			
	Pequeno Meio Urbano	389	14.70	4.550			
Coesão	Grande Meio Rural	69	15.20	4.118	.105	2.577	.053
	Pequeno Meio Rural	51	15.59	4.433			
	Total	904	15.15	4.309			
	Grande Meio Urbano	395	9.47	2.172			
	Pequeno Meio Urbano	389	9.58	2.128			
Expressão Afecto	Grande Meio Rural	69	9.81	2.074	.630	.584	.626
	Pequeno Meio Rural	51	9.43	2.042			
	Total	904	9.54	2.137			

Efectuado o teste de Levene constata-se que é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é <0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é >0.05 , não podemos rejeitar a hipótese nula. Deste modo, não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre o ajustamento conjugal e o local de residência $F(3,900) = .291, p < 0.05$. O mesmo se verifica para todos os factores que compõem a variável ajustamento conjugal.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a variável exclusividade sexual e o local de residência, considerando $\alpha = 0.05$, temos as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{local } 1} = \mu_{\text{local } 2} = \dots = \mu_{\text{local } n}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa a exclusividade sexual e n o número de valores diferentes que a variável local de residência pode assumir.

TABELA 43 – DIFERENÇAS ENTRE A VARIÁVEL “RESIDÊNCIA” E A VARIÁVEL “EXCLUSIVIDADE SEXUAL”

		N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
						F	p
	Grande Meio Urbano	395	12,86	4,272			
	Pequeno Meio Urbano	389	11,67	4,068			
Exclusividade Sexual	Grande Meio Rural	69	12,64	4,753	.011	5.367	.001*
	Pequeno Meio Rural	51	12,75	4,857			
	Total	904	12,32	4,290			

	Grande Meio Urbano	395	6,55	2,954			
	Pequeno Meio Urbano	389	5,71	2,489			
Sexualidade	Grande Meio Rural	69	6,12	2,784	.005	6.202	.000**
	Pequeno Meio Rural	51	6,29	2,900			
	Total	904	6,14	2,770			
	Grande Meio Urbano	395	6,30	1,998			
	Pequeno Meio Urbano	389	5,96	1,946			
Auto-estima	Grande Meio Rural	69	6,52	2,392	.000	2.855	.036*
	Pequeno Meio Rural	51	6,45	2,648			
	Total	904	6,18	2,056			

** $p \leq 0.001$, * $p \leq 0.05$

Efectuado o teste de Levene constata-se que não é verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias, pois o seu nível de significância é <0.05 . No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é <0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente <0.05 , podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que existe pelo menos um dos tipos de local de residência onde se verificam diferenças significativas relativamente à exclusividade sexual. Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias é não verificado recorreremos ao método *Games-Howell* para identificar o(s) tipo(s) de local responsável pela diferença.

TABELA 44 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (EXCLUSIVIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE COM LOCAL DE RESIDÊNCIA)

	(I) Local de residência	(J) Local de residência	Diferença Média (I-J) Exclusividade Sexual	Diferença Média (I-J) Sexualidade
<i>Games-Howell</i>		Pequeno Meio Urbano	1,182*	,842*
	Grande Meio Urbano	Grande Meio Rural	,218	,436
		Pequeno Meio Rural	,111	,258
		Grande Meio Urbano	-1,182*	-,842*
	Pequeno Meio Urbano	Grande Meio Rural	-,964	-,406
		Pequeno Meio Rural	-1,072	-,585
		Grande Meio Urbano	-,218	-,436
	Grande Meio Rural	Pequeno Meio Urbano	,964	,406
		Pequeno Meio Rural	-,107	-,178
		Grande Meio Urbano	-,111	-,258
	Pequeno Meio Rural	Pequeno Meio Urbano	1,072	,585
		Grande Meio Rural	,107	,178

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

Analisando os resultados obtidos por este método podemos deduzir que existem diferenças significativas em termos de exclusividade sexual entre o grande meio urbano e o pequeno meio urbano $F(3,900) = 5.367, p < 0.05$. Resultados análogos são obtidos ao analisar o factor sexualidade. No entanto, relativamente ao factor auto-estima não se verificam diferenças significativas, pois apesar do valor de significância do teste da ANOVA ser < 0.05 , o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é > 0.05 e não se verifica o pressuposto da homogeneidade de variâncias.

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a orientação sexual e o tipo de envolvimento sexual com outras pessoas, numa escala que varia entre o valor 1 (inexistência de envolvimento sexual físico) e o valor 5 (contacto sexual íntimo com penetração), considerando um alfa = 0.05, foram consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{heterossexual}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa o tipo de envolvimento sexual com outras pessoas.

TABELA 45 – DIFERENÇAS ENTRE O ITEM “ESTIVE ENVOLVIDO COM OUTRA PESSOA” E A VARIÁVEL ORIENTAÇÃO SEXUAL

	N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
					F	p
Heterossexual	526	1.69	1.399	.000	9.445	.000**
Bissexual	93	2.37	1.731			
Homossexual	267	2.38	1.765			
Total	886	1.97	1.589			

** $p \leq 0.001$

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância é inferior a 0.05. No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é inferior a 0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente inferior a 0.05, podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que, pelo menos uma das orientações sexuais verifica diferenças significativas relativamente ao tipo de envolvimento sexual com outras pessoas.

TABELA 46 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (ESTIVE ENVOLVIDO COM OUTRA PESSOA E ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média (I-J)
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	-,674*
		Homossexual	-,690*
	Bissexual	Heterossexual	,674*
		Homossexual	-,016
	Homossexual	Heterossexual	,690*
		Bissexual	,016

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

O método de *Games-Howell* indica-nos que as diferenças significativas verificam-se entre os heterossexuais ($M=1.69$) e as restantes orientações sexuais ($M_{\text{bissexuais}}=2.37$ e $M_{\text{homossexuais}}=2.38$). Podemos assim concluir que os heterossexuais apresentam menores níveis de envolvimento sexual físico com outras pessoas, para além do seu parceiro(a).

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre a orientação sexual e o envolvimento sexual dos parceiros com outras pessoas, numa escala que varia entre o valor 1 (a afirmação de que o parceiro já esteve envolvido com outras pessoas é totalmente falsa) e o valor 4 (a afirmação é totalmente verdadeira), considerando um alfa = 0.05, foram consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{heterossexual}} = \mu_{\text{bissexual}} = \mu_{\text{homossexual}}$
- H_1 : pelo menos uma das médias é diferente das demais

Onde o μ representa o envolvimento sexual do parceiro com outras pessoas.

TABELA 47 – DIFERENÇAS ENTRE O ITEM “O MEU COMPANHEIRO JÁ TEVE OUTRAS PESSOAS” E A VARIÁVEL ORIENTAÇÃO SEXUAL

	N	M	DP	Levene (p)	ANOVA	
					F	p
Heterossexual	543	1,67	1,028	.000	.9445	.000**
Bissexual	91	1,76	1,099			
Homossexual	268	2,02	1,227			
Total	902	1,78	1,108			

** $p \leq 0.001$

Efectuado o teste de Levene constata-se que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não é verificado, pois o seu nível de significância é inferior a 0.05. No entanto, dado que o nível de significância da ANOVA é inferior a 0.05 e que o nível de significância do teste robusto de Brown-Forsyth é igualmente inferior a 0.05, podemos rejeitar a hipótese nula a afirmar que, pelo menos uma das orientações sexuais verifica diferenças significativas relativamente ao tipo de envolvimento sexual com outras pessoas.

TABELA 48 - TESTE *POST-HOC* DE *GAMES-HOWELL*
COMPARAÇÕES MÚLTIPLAS (O MEU COMPANHEIRO JÁ TEVE OUTRAS PESSOAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL)

	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença Média (I-J)
<i>Games-Howell</i>	Heterossexual	Bissexual	-.092
		Homossexual	-.356*
	Bissexual	Heterossexual	.092
		Homossexual	-.264
	Homossexual	Heterossexual	.356*
		Bissexual	.264

* A diferença é significativa para um nível de confiança de .05

O método de *Games-Howell* indica-nos que as diferenças significativas verificam-se entre os heterossexuais ($M=1.67$) e os homossexuais ($M=2.02$). Relativamente aos bissexuais, verifica-se uma média de 1.76. Podemos assim concluir que nos casais heterossexuais se verificam níveis significativamente menores de envolvimento sexual dos parceiros com outras pessoas, comparativamente aos homossexuais.

Achou-se pertinente perceber se existiam diferenças estatisticamente significativas entre o item “problemas no relacionamento” e o item “grau de satisfação da vida sexual activa”.

TABELA 49 – TESTE T PARA OS ITEMS “GRAU DE SATISFAÇÃO SEXUAL E PROBLEMAS NO RELACIONAMENTO”

		N	M	DP	t	p
Grau de satisfação sexual	Sim	380	3,72	,937	-10,930	.000**
	Não	487	4,33	,705	-10,563	

** $p \leq 0.001$

Com o objectivo de testar se existem diferenças significativas entre o item Grau de Satisfação Sexual, face à existência de problemas de relacionamento (considerando um alfa =0.05) foram consideradas as seguintes hipóteses:

- $H_0: \mu_{\text{existem problemas}} = \mu_{\text{não existem problemas}}$

- $H_1: \mu_{\text{existem problemas}} \neq \mu_{\text{não existem problemas}}$

Onde o μ representa o grau de satisfação sexual.

Efectuado o teste de Levene considerou-se que as variâncias populacionais não são iguais pois o valor de significância do teste de Levene é igual ou inferior ao nível de significância definido, ou seja, $p(\text{Sig.}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0,05$. Comparando o valor de significância bilateral do t-student, verifica-se que este é inferior ou igual ao nível de significância, assim $p(\text{Sig. 2-tailed}) \leq \alpha \equiv 0 \leq 0,05$. Desta forma, podemos rejeitar H_0 e afirmar com 95% de confiança que existem diferenças significativas entre o grau de satisfação sexual e a existência de problemas no relacionamento.

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

A presente discussão mostra assim os resultados obtidos para os objectivos propostos e respectivas hipóteses.

Relativamente ao primeiro objectivo, na variável Exclusividade Sexual verifica-se uma média global de 12.32 (tabela 2), tendo em conta uma escala que poderá variar entre os valores 9 (maior exclusividade sexual) e 36 (menor exclusividade sexual). Através da análise da tabela de frequências, verifica-se que 48% dos inquiridos apresentam valores de exclusividade sexual iguais ou inferiores a 10. Quanto à variável Ajustamento Conjugal, constata-se uma média global de 112.47, numa escala que se situa entre o valor 0 (menor exclusividade sexual) a 151 (maior exclusividade sexual). Segundo a validação do questionário, Spanier (1976, p.54) cita: “*a amostra relativa aos casados apresenta valores significativamente maiores que os divorciados (114.8 vs 70.7)*”. Podemos assim verificar que 49% dos inquiridos apresenta um nível de ajustamento conjugal igual ou superior a 115.

Perante o segundo e terceiro objectivo, podemos inferir que não existem diferenças significativas no ajustamento conjugal, nos casais do mesmo sexo ou casais de sexo diferente, contudo, o factor coesão apresenta diferenças entre o grupo heterossexual dos restantes (homossexual e bissexual), nomeadamente o grupo heterossexual apresenta uma diferença entre as médias de -1.661 relativamente ao grupo bissexual e uma diferença de -0.921 ao grupo homossexual, evidenciando assim menores níveis de coesão, conforme apresenta a tabela 7.

Um estudo de Leal & Pereira (2005) refere que os factores socioculturais condicionam a expressão de identidade homossexual, existindo uma lacuna no “*apoio familiar*” (coesão). Rubia (2008, p.189) cita “*el concepto de ajuste hace referencia a la cohesión, comunicación y satisfacción de la pareja*”. Os conjugues têm compreensão dos desafios que cada um enfrenta para lidar com a interacção entre o mundo do trabalho e a família, sendo fonte de apoio um para o outro (Diniz & Perlin, 2005).

Relativamente à exclusividade sexual entre os casais do mesmo sexo ou casais de sexo diferente, analisando os resultados obtidos, podemos deduzir que existem diferenças significativas em termos de exclusividade sexual entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual). Os resultados da análise dos factores sexualidade e auto-estima apontam exactamente para a mesma diferença significativa (entre o grupo heterossexual e os restantes), nomeadamente os heterossexuais apresentam diferenças nas médias -1.809 para os

bissexuais e diferenças de -1.811 para os homossexuais, evidenciando assim que o grupo dos heterossexuais tem maior exclusividade sexual que os restantes grupos (tabela 5).

Magalhães (2009) questionou o que poderia causar a infidelidade conjugal, uma vez que numa sociedade monogâmica, existem casais que estabelecem contratos que os permitem estar com outros parceiros. Ao longo do seu estudo abordou a quebra de exclusividade sexual como uma quebra de lealdade e confiança.

Pereira (2001) menciona que deve existir a negociação sobre a escolha da monogamia ou uma sexualidade aberta, fazendo referencias as vantagens e desvantagens de cada uma.

Um estudo de Kurdek & Schmitt (1986, cit. Grossi, Mello & Uziel, 2000) referem que casais gays seriam indistinguíveis de casais heterossexuais em aspectos como satisfação com a relação, ajustamento do casal, amor/problemas conjugais.

O quarto objectivo pretende avaliar as correlações entre as variáveis ajustamento conjugal e exclusividade sexual.

Podemos notar uma correlação entre a exclusividade sexual e o ajustamento conjugal. A tabela 12 demonstra uma correlação entre o factor satisfação e a variável exclusividade sexual ($r=0.331$). Uma maior exclusividade sexual poderá estar relacionada com factores de satisfação conjugal mais elevados, o que não acontece com as expressões de afecto, coesão e consenso. Férez-Carneiro *et al.* (2006), referem que a satisfação conjugal seria decorrente da capacidade do casal de superar as crises e readaptar-se a elas; da mesma forma, a estabilidade seria abalada quando houvesse falha na adaptação a algum evento se stress o que geraria problemas aos conjugues. Pais (2008) defende que para a maioria das mulheres, o sexo tem sentido com amor, entre os homens não existe uma tal unanimidade, contudo não se conhecem quais (se existem) as regras assumidas no casal.

Tanto os homens como mulheres, recorrem a relações extramaritais devido a uma insatisfação conjugal (Barash & Lipton (2001). As mulheres por falta de amor e harmonia e para satisfazer a sua auto-estima, no caso dos homens por problemas de índole sexual (Aragón, Loving & Palencia, 2007). Falcke *et al.* (2002, cit. Diniz & Perlin, 2005) afirmam que a satisfação é afectada por factores conscientes e inconscientes. A satisfação é afectada por factores de meio ambiente (sexo, grau de escolaridade, numero de filhos, estatuto socioeconómico e tempo de casamento).

Magalhães (2009) descreve que numa traição, mulheres cuja auto-estima está reduzida ou ausente, pode motivar uma dificuldade de funcionamento saudável. Num estudo de Pais (2008), a maioria dos inquiridos referem que não é suficiente que duas pessoas se desejem mutuamente para se relacionarem sexualmente, mesmo quando esse desejo é movido pela

vontade de passar um bons momentos, apontando para uma percentagem relativa pensar que é necessário haver amor para que duas pessoas se envolvam sexualmente.

Um estudo de Barash & Lipton (2001) referem que cerca de 40 por cento das sociedades humanas aparentemente monogâmicas permitem o sexo extramarital em circunstâncias especiais (certos dias feriados) ou com indivíduos particulares (tais como irmãos do marido), e apenas cerca de 50 por cento proíbem totalmente o coito extramarital. Entre essas sociedades restritas, as regras aplicavam-se com mais rigor às mulheres, muito menos aos homens: só uma percentagem muito pequena proíbe a sexualidade extramarital da parte do homem. A satisfação sexual é um factor a tomar em conta, mas não é o mais importante para o ajustamento conjugal (Rubia, 2008).

Magalhães (2009) no seu estudo aponta que nem todos os casais que vivem a infidelidade têm um relacionamento prejudicial. A vida social, profissional e a solidão são aspectos que ajudam a que um dos conjugues suporte uma traição, contudo, para outros casais, a infidelidade conjugal pode ser um factor determinante para a separação.

Pais (2008) sustenta a ideia de que na sexualidade, as relações extraconjugais podem ser consideradas uma forma de quebrar a rotina diária.

Se considerarmos a variável exclusividade sexual nos factores que a constituem (sexualidade e auto-estima) e a sua relação com a variável ajustamento conjugal, verificamos na tabela 13 um valor de correlação fraco no factor sexualidade ($r=0.204$), não se verificando o mesmo com o factor auto-estima (tabela 14), no qual existe uma correlação moderada ($r=0.398$).

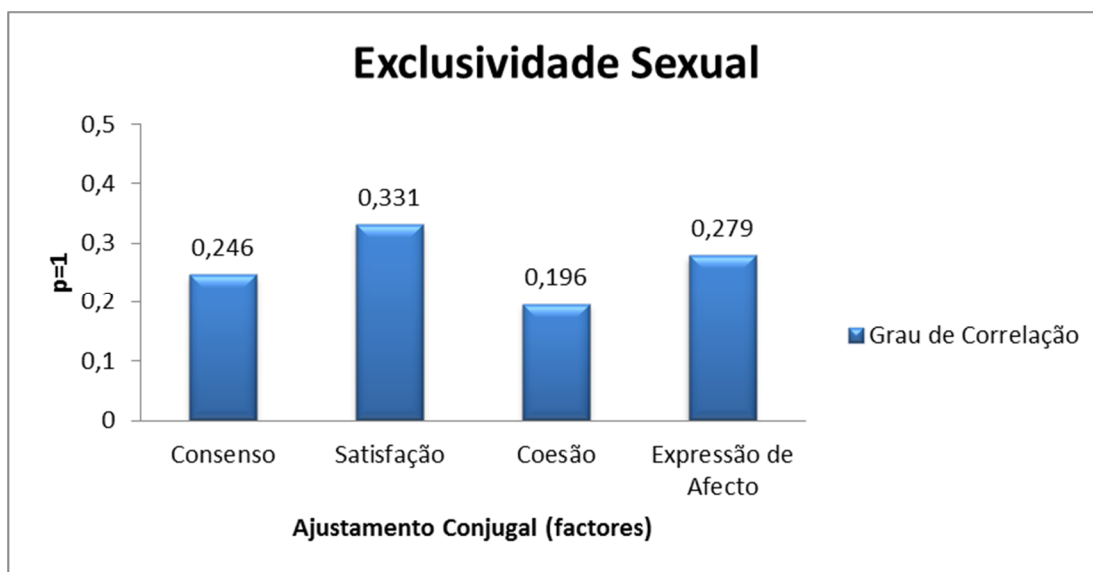


FIGURA 2 - CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL AJUSTAMENTO CONJUGAL E VARIÁVEL EXCLUSIVIDADE SEXUAL

Uma menor exclusividade sexual devido a questões de auto-estima (de quem pratica relações extraconjugais) poderá estar relacionado com um menor grau de ajustamento conjugal. O mesmo não se verifica relativamente à prática de relações extraconjugais por motivos de impulso sexual fisiológico (sexualidade), onde neste caso, se verifica uma correlação fraca com o factor ajustamento conjugal. Barash & Lipton (2001) referem que a satisfação sexual é o que um indivíduo “retira” de uma cópula extra casal, “*a que os biólogos chamam de motivação aproximada*” (p.51)

Magalhães (2009) descreve que uma traição é um verdadeiro atentado à auto-estima de quem é traído, contudo, a autora afirma “*que é bastante pertinente se relacionada com uma ideia de exclusividade sexual, pré-determinada entre os conjugues*” (p.63)

As aventuras amorosas não são exclusivamente sexuais, quando um dos pares é infiel, rompe-se algo especial que para alguns pode não ter substituição, destruindo a confiança, produzindo a insegurança (Baker *et al.*, 2008).

Barash & Lipton (2001) descrevem que quando um casal é constituído por indivíduos “compatíveis”, as probabilidades de que a sua relação monogâmica persista são provavelmente mais elevadas

Prossegue-se para a análise de resultados para as hipóteses.

A tabela 19, demonstra que a hipótese 1, apresenta diferenças entre a exclusividade sexual e o género ($p \leq \alpha \equiv 0 \leq 0.05$). Considerando a hipótese relativa aos factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se que em ambos os casos existem diferenças estatisticamente significativas no género masculino e género feminino ($\alpha=.05$).

Homens e mulheres parecem encarar diferentemente a sua sexualidade, produto das representações diferenciadas com que encaram a relação com o parceiro com quem iniciam a sua vida sexual (Pais, 2008).

Gallo & Garcia (2007) mencionam no seu estudo que a infidelidade conjugal foi um processo histórico e socialmente construído no contexto cultural do patriarcado com implicações diferentes para mulheres e homens, baseados na opressão da sexualidade feminina e a exaltação da masculina, mediante a criação de mitos e estereótipos. Assim a infidelidade feminina estigmatizou-se ao longo da história.

Seo (2005) menciona que há diferenças entre homens e mulheres nas suas atitudes quanto ao envolvimento emocional no sexo. A maioria das mulheres deseja algum tipo de envolvimento emocional, compromisso, amor, homens maduros, com *status* financeiro. Os homens têm desejos de variedade sexual, priorizando beleza física (corpo atraente) e juventude.

As crenças pessoais, têm a tendência a apontar o sexo masculino com menores níveis de exclusividade sexual numa relação. Um estudo realizado por Carneiro et. al. (2009) (N=65) que avalia que em ambos os géneros concordam que os homens são os que traem mais durante uma relação.

Visão de homens e mulheres.			
Quem trai mais?			
MULHERES		HOMENS	
Os homens	Ambos	Os homens	Ambos
59,5%	24,32%	57%	24,32

FIGURA 3 - ESTUDO REALIZADO POR CARNEIRO ET. AL. (2009)

Schmooker & Bursik (2007) mencionam registos nas diferenças de género, atitudes e comportamentos sexuais.

Reich (1975) descreve a exigência do marido de que a sua mulher deve ser monogâmica. O mesmo autor menciona que as mulheres sentem o desejo de “*ter relações sexuais com diversos homens, de não limitar suas experiências sexuais a um só homem*” (p.174).

Aragón, Loving & Palencia (2007) descrevem que as relações extraconjugais usualmente têm recompensas potencialmente altas e podem pelo menos temporariamente superar a relação primária em termos de excitação sexual, crescimento pessoal, auto-descobrimto e comunicação.

Barash & Lipton (2001, p.13) referem que “*os seres humanos não são “naturalmente” monogâmicos*”. Um estudo realizado em Portugal por Elvas, et. al (2010) referem que a maioria dos inquiridos afirmava ter um compromisso monogâmico, em que 62,4% representava monogamia sem excepções.

A socialização de papel de género também parece exercer influência com relação à dimensão de exclusividade sexual, Grossi, Mello & Uziel (2007) descrevem num estudo que casais homossexuais masculinos são marcadamente menos monógamos nos relacionamentos que casais homossexuais femininos.

Um estudo realizado por Bursik & Schmookler (2007) descreve que não se encontraram diferenças entre os géneros, existindo a probabilidade de uma relação extraconjugal durante o relacionamento actual. Os mesmos autores referem que os homens envolvem-se em relações extraconjugais por uma experiencia puramente sexual com a permissão do parceiro(a).

A tabela 19 apresenta os resultados (teste t não comprova uma diferença entre o ajustamento conjugal e o género masculino ($M = 111.91$, $SD = 16.848$) e o género feminino ($M = 112.76$, $SD = 17.321$), $t(904) = 0.730$, $p = 0.466$, $\alpha = 0.05$) para a hipótese 2, ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que em todos os casos o teste t não comprova diferenças significativas no género masculino e género feminino ($\alpha=0.05$).

Mosmann, et. al. (2006) referem que apesar de a maioria das uniões terminar em separação ou divórcio, as pessoas procuram um relacionamento que lhes traga satisfação e felicidade. Num estudo de Falcke *et al.* (2002) citam “que o relacionamento conjugal tem prioridade na vida dos sujeitos” (Falcke *et al.* 2002, citado por Perlin & Dinis, 2005, p. 22)

Rubia (2008) refere que o ajustamento é um processo de adaptação da convivência do casal, sendo a satisfação uma componente, fazendo referencia à satisfação, coesão, consenso e a expressão de afecto (Gomez & Leal, 2008). Rubia (2008) cita “*las medidas de ajuste y satisfacción maritales se hallan influenciadas por la tendencia a idealizar a la pareja y dar respuestas en un sentido socialmente deseable, de ahí la importância de controlar este fenómeno al trabajar com autorreporte*” (p.248), apresentando resultados que indicam que tanto os homens como as mulheres, apresentam variáveis predizem melhor ajustamento conjuga. O mesmo autor descreve que as teorias neurobiológicas destacam muito o papel do prazer sexual no reforço natural do vínculo em casais com relações estáveis e persistentes.

Costa & Ribeiro (2002) mencionam num estudo que a satisfação com a relação conjugal não apresenta diferenças significativas em relação ao género. Pais (2008) sustenta que os homens tendem a dar amor para obter sexo, enquanto as mulheres tenderão mais a dar sexo para obter amor.

Muitos homens, procuram afirmar a sua virilidade, colocando à prova as conquistas que conseguem obter (avaliam a sua capacidade de seduzir mulheres). Este processo também pode acontecer num processo competitivo com outros homens (Magalhães, 2009)

Em relação à homossexualidade, as mulheres mostram uma maior tolerância às relações extraconjugais (Pais, 2008).

Inicia-se uma nova interpretação sobre o género relativamente ao relacionamento conjugal, “*estos câmbios que se están produciendo en los tradicionales masculinos y femininos han promovido formas de encuentro diferentes entre el hombre y la mujer, igualmente las expectativas en relacion a la pareja y al matrimonio han cambiado*” (Gallo & Garcia, 2007, p.7)

Um estudo de Hammerschmidt, *et al.* (2004) referem que o ajustamento conjugal parece ser mais funcional, provavelmente por existir maior coesão, proximidade e demonstração de afecto entre os géneros, mantendo fortes laços emocionais com o parceiro, mudarem a estrutura de poder, papéis e regras do relacionamento ao longo do tempo.

As mulheres têm mostrado uma posição forte, sendo mais exigentes na satisfação conjugal nos papéis actuais, passando a partilhar ou a assumir capacidades e habilidades que eram vistas como tipicamente masculinas (Diniz & Perlin, 2005).

“O homem estará satisfeito com a sua relação conjugal se desempenhar bem a representação que tem do que é ser esposo” (Férez-Carneiro *et al.*, 2006, p.320)

Para a terceira hipótese (tabela 20) considerando as hipóteses relativas aos factores da variável exclusividade sexual (sexualidade e auto-estima) verifica-se que em ambos os casos existem diferenças estatisticamente significativas em relacionamentos com problemas e sem problemas ($\alpha=0.05$). Ao analisar os factores da variável ajustamento conjugal (consenso, satisfação, coesão e expressão de afecto) verifica-se que em todos os casos o teste t comprova diferenças significativas em relacionamentos com problemas e sem problemas ($\alpha=0.05$).

Gameiro (2004) faz 12 sugestões que ajuda o ajustamento conjugal menos tenso, que na minha opinião pessoal interpreto-o como sugestões de evitar determinados problemas dentro do relacionamento. Em 2007, Gameiro faz referência aos problemas crónicos e aos problemas “resolúveis”.

Shernoff (2006) indica que podem existir problemas no relacionamento quando a exclusividade sexual é colocada não exclusiva entre os casais do sexo masculino, contudo, refere que 70% dos homens consideram que relações extramaritais são consideradas como uma traição no compromisso.

A falta de comunicação em qualquer tipo de relação pode criar problemas (Magalhães, 2009), uma vez que não se discutem as necessidades de cada elemento do casal.

Aragón *et al.* (2007) identificam quatro tipos de justificação para relações sexuais extramaritais: a variedade sexual (excitação sexual, novidade, mudança), intimidade emocional (auto-estima, respeito, companhia), motivação extrínseca (...) e amor (receber amor, apaixonar-se).

Mosmann *et al.* (2006), descreve que a teoria comportamental refere que a resolução de problemas no casal depende dos comportamentos positivos ou negativos, levando-os a maior satisfação na relação.

Em fase de situações de crise, os conjugues devem desenvolver padrões de comunicação adequados (Hammerschmidt, *et al.*, 2004).

A vinculação no contexto das relações íntimas, a observação da relação do casal assenta na realização de tarefas desafiantes, no sentido de avaliar comportamentos diádicos, atendendo, por um lado, a comportamentos de expressão e regulação do afecto, negociação e resolução de conflitos e, por outro lado, a comportamentos específicos de vinculação ao nível da existência de uma base segura, da prestação ou pedido de cuidados (Lima, Soares & Vieira, 2006)

Shernooff (2006) menciona que um aspecto importante para manter um relacionamento é a explícita e clara comunicação entre o casal.

Numa relação íntima, independentemente da sua natureza institucional, a comunicação entre os parceiros é, antes de mais, uma condição indispensável para a existência da própria relação (Alferes, 1997)

Perante a hipótese 4 não se comprovam diferenças estatisticamente significativas entre a exclusividade sexual em relacionamentos com filhos ($M = 12.44$, $SD = 4.589$) e sem filhos ($M = 12.27$, $SD = 4.190$), $t(903) = .462$, $p = .644$, $\alpha = .05$, assim como no ajustamento conjugal em relacionamentos com filhos ($M = 112.75$, $SD = 17.507$) e sem filhos ($M = 112.43$, $SD = 17.054$), $t(903) = .222$, $p = .825$, $\alpha = .05$ (tabela 21).

Gameiro (2004) descreve que os filhos têm uma determinada influência no ajustamento conjugal.

As relações precocemente estabelecidas entre a criança e as figuras de vinculação podem ser entendidas como protótipos das relações íntimas, em que a especificidade da vinculação no contexto das relações íntimas assenta na simetria e reciprocidade (Lima, Soares & Vieira, 2006).

Um estudo realizado por Erel & Burman (2000), referem que a qualidade do relacionamento conjugal estaria relacionada com o bem-estar dos filhos e dos conjugues.

O estudo longitudinal desenvolvido por Gerard, Krishnakumar & Buheler (2006), investigou as relações entre o conflito conjugal, a parentalidade e o ajustamento dos filhos, através de uma amostra de 551 pais norte-americanos e mostrou que a relação entre essas variáveis se mantivera estáveis do período da meia-infância até a adolescência de seus filhos.

Flacke, Diehl & Wagner (2002) descrevem que o número de filhos influencia a satisfação sexual.

A hipótese 5 descreve que não existe diferença estatisticamente significativa entre a exclusividade sexual em indivíduos com uma vida sexual activa ($M = 12.30$, $SD = 4.239$) e sem uma vida sexual activa ($M = 12.86$, $SD = 5.111$), $t(901) = .893$, $p = .372$, $\alpha = .05$, contudo,

existem diferenças significativas entre o ajustamento conjugal em indivíduos com vida sexual activa e sem vida sexual activa, $p \leq \alpha \equiv 0 \leq .05$ (tabela 22).

Bozon (2003) refere que a sexualidade é uma experiência interpessoal indispensável à existência da união. O sexo é indiscutivelmente muito importante numa relação conjugal. A falta de sexo pode induzir o homem a procurar outras mulheres que satisfaçam o seu desejo (Magalhães, 2009).

Não há como estabelecer uma quantidade ideal de sexo entre um casal para que a relação seja satisfatória (Magalhães, 2009). Pais (2008) interpretou no seu estudo que provavelmente, as relações sexuais com um dado parceiro não eram o modelo do “amor para sempre” conforme confere o matrimónio.

Perante a hipótese 6, verificamos a existência de diferenças entre a variável ajustamento conjugal com a classe de idades, podemos deduzir que existem diferenças significativas no ajustamento conjugal entre a classe de idades 45-54 e a classe de idades 15-24 (tabela 23 e 24). Evidenciam-se também diferenças significativas quanto à coesão (classe de idades 15-34 e 35-64) e expressão de afecto (classe de idades 15-24 e 25-34). Relativamente à exclusividade sexual, existem diferenças significativas entre as classes de idades 15-24 e 35-44, tendo estas classes de idades apresentado diferenças também no factor Sexualidade (tabela 25 e 26).

A imaturidade não está necessariamente associada à pessoa mais jovem e sim às pessoas cujos comportamentos parecem se identificar muito mais com questões que às pessoas que normalmente atravessam a vida de um adolescente (Magalhães, 2009).

Os rapazes, costumam ter mais liberdade que as raparigas, começam a sair com menos idade e podem chegar a casa mais tarde, e muitas vezes acompanhados das namoradas (Magalhães, 2009).

Bozon (2003) menciona que a iniciação sexual e amorosa é um dos momentos decisivos na construção e na interiorização das relações entre os sexos, desde a adolescência ou o fim da mesma, manifestando-se importantes diferenças de atitudes entre os sexos. O mesmo autor apresenta um estudo referindo que houve uma diminuição na idade das mulheres quanto à primeira relação, para as mulheres nascidas em meados da década de 1970 a iniciação sexual deu-se em média três anos mais cedo do que para aquelas nascidas cinquenta anos antes, e um ano mais cedo do que para aquelas nascidas vinte anos antes. Para os homens, a diminuição no curso do meio século não foi mais do que cerca de um ano, uma vez que o ponto de partida já era mais baixo. A diferença entre homens e mulheres, que era de 2,5 anos para as pessoas que iniciaram sua vida sexual por volta de 1950, não existia mais para as

que a iniciavam por volta de 1995, quando a idade mediana ao tempo da iniciação tanto para homens como para mulheres se situava nos 17,5 anos.

Lino (2009) descreve no seu estudo que existem diferenças na vida sexual de homens homossexuais, consoante a idade.

A tabela 27 relativa à hipótese 7, não se apresenta diferenças entre o estatuto socioeconómico e o ajustamento conjugal e respectivos factores $F(5,889) = 1.848, p < 0.05$, não se conseguindo comprovar que existam diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o estatuto socioeconómico $F(4,901) = 1.910, p < 0.05$. Ao isolar o factor sexualidade, constata-se que existem diferenças significativas quanto ao estatuto socioeconómico, nomeadamente entre o Estatuto Alto (N=20) e o Estatuto Baixo (N=22), podendo os respectivos valores serem influenciados pelo N ser reduzido (tabela 28, 29).

Pais (2008) menciona que as atitudes sexuais mais permissivas encontram-se nos indivíduos de condição social superior.

Num estudo realizado por Falcke *et al.* (2002, *cit.* Diniz & Perlin, 2005) a 45 casais de nível socioeconómico médio referem estar satisfeito com a relação e não acham monótono o facto de passar toda a vida junto do conjuge. A maioria dos participantes estaria disposta a deixar os amigos se significasse a salvação do casamento.

Marques (2008) refere num estudo que quanto maior é a escolaridade ou estatuto social, maior é a maior aceitação de um parceiro que tenha tido relações sexuais com muitas outras pessoas.

Neto (1997) refere que o estatuto socioeconómico é influenciado pela escolaridade, dessa forma, procedeu-se à das diferenças estatisticamente significativas nas variáveis escolaridade, exclusividade sexual e ajustamento conjugal. A tabela 30, apresenta que não conseguimos comprovar que existam diferenças significativas entre a exclusividade sexual e o grau de escolaridade $F(2,906) = 2.900, p < .05$. O factor Auto-estima, apresenta diferenças significativas nas classes até 12 anos e licenciatura (tabela 31 e 32), testou-se também que não se conseguiu comprovar que existem diferenças entre a escolaridade e o ajustamento conjugal, $F(2,906) = 0.664, p < .05$ (tabela 30).

Nodin (2007) verificou que indivíduos que apresentam níveis de formação académica e de sucesso profissional superior utilizavam agencias de encontro com o mesmo objectivo. Flacke, Diehl & Wagner (2002) citam “*factores externos à relação também influenciam a satisfação como o grau de escolaridade...*” (p.178).

Machado (2007) refere que casais com o mesmo nível de escolaridade apresentam maiores níveis de satisfação na relação conjugal.

A hipótese 8, não conseguimos comprovar que existem diferenças significativas entre o tempo de relacionamento e a exclusividade sexual, $F(3,905) = 11.705$, $p < .05$ (tabela 39). Relativamente à variável tempo de relacionamento e ajustamento conjugal, existe pelo menos um intervalo onde se verificam diferenças significativas relativamente ao ajustamento conjugal. Podemos deduzir que existem diferenças significativas no ajustamento conjugal entre os relacionamentos com mais de 8 anos e os relacionamentos até 5 anos (intervalos de 0 até 1,99 anos e de 2 até 4,99 anos) $F(3,905) = 5.287$, $p < .05$ e constatamos diferenças significativas no ajustamento conjugal entre os relacionamentos até 2 anos e os relacionamentos com mais de 5 anos (intervalos 5 até 7,99 anos e 8 ou mais anos) $F(3,905) = 5.797$, $p < .05$ (tabela 38, 39), o factor coesão concluímos que existem diferenças significativas na coesão entre os relacionamentos com mais de 8 anos e os relacionamentos com menos de 8 anos (intervalos de 0 até 1,99 anos, 2 até 4,99 anos e de 5 até 7,99 anos) $F(3,905) = 5.287$, $p < .05$ (tabela 38).

Gameiro (1998) que existe um processo que se desenrola num tempo, que é muito variável de família para família. Como refere o ditado popular, “*é preciso dar tempo ao tempo*”.

Num estudo de Hammerschmidt *et al.* (2004) defendem que as relações de longa duração são devido às trocas estimulantes, as actividades e interesses comuns dos conjugues. “*Todos os casais do estudo (satisfeitos e insatisfeitos) considera essencial para a conjugalidade o relacionamento afectivo e a tomada de decisões juntos*” (p. 582).

Os autores, Elvas *et al.* (2010) referem um estudo em que demonstram que os jovens homossexuais permanecem menos anos juntos relativamente aos casais heterossexuais. Os mesmos autores descrevem ainda que o tempo de relacionamento é maior nas mulheres que nos homens tanto nas relações homossexuais como heterossexuais.

As relações duradouras permitem que o sistema conjugal se torne um refúgio em relação às influências externas e contacto com outros sistemas sociais (Machado, 2007).

Grossi, Mello & Uziel (2007) referem que a dinâmica da conjugalidade entre os casais homossexuais é afectada pelo preconceito sexual.

A tabela 40, apresenta os resultados para a Hipótese 9, verificando-se diferenças estatisticamente significativas para o tempo de relacionamento nos diferentes grupos de orientação sexual, mais especificamente no grupo heterossexual $F(2,905) = 57.307$, $p < .05$ (tabela 40). Aprofundando o relacionamento no que concerne aos seus problemas, encontraram-se diferenças significativas nos problemas de relacionamento entre o grupo

heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual), podemos assim inferir que os grupos homossexuais e bissexuais apresentam em média mais problemas no relacionamento.

Pereira (2001, p.12) menciona um dos mitos “*Os homossexuais não conseguem ter relacionamentos duradouros*”, pelo facto de existirem situações associadas à predação sexual. O mesmo autor refere que os relacionamentos homossexuais podem ser duradouros, no entanto, o casal deve evoluir com o tempo da relação e assim aceitar a mudança.

Os indivíduos preocupam-se com os aspectos dos relacionamentos independentemente da sua situação (Pereira, 2001), apontando o amor, a avaliação, o mutualismo e a responsabilidade como critérios fundamentais para o desenvolvimento saudável, contudo não se conseguiu comprovar que existam diferenças significativas entre o grau de felicidade no relacionamento e a orientação sexual.

Pereira (2001, p.68) cita “*a única maneira de se ser feliz num relacionamento é usar esse relacionamento para as razões certas*”.

Flacke, Diehl & Wagner (2002) referem que a satisfação conjugal é influenciada pelo tempo da relação.

Num estudo em que compararam casais heterossexuais e homossexuais que coabitavam à mais de 15 anos, as características de um relacionamento duradouro e satisfatórias são as mesmas em ambos os grupos (Grossi, Mello & Uziel, 2007)

O reconhecimento legal e social dos relacionamentos homossexuais, pode ajudar o aumento da estabilidade dos relacionamentos (Bartlett & King, 2006), mas os casais homossexuais devem perceber se assumem o seu relacionamento avaliando os riscos de tais decisões (Grossi, Mello & Uziel, 2007).

Shernoff (2006) menciona que em média, os relacionamentos homossexuais duram em média um número menor de anos quando comparados com casais heterossexuais, atribuindo o facto de não assumir a homossexualidade como um factor que influencia o tempo de relacionamento.

Um estudo de Saghir & Robins (1973), verificaram que 50% dos homossexuais masculinos com idade superior a trinta anos e 75% dos homens homossexuais com mais de quarenta, experimentaram relacionamentos que não duraram mais que doze meses.

Um estudo pioneiro de Mackey *et al.* (1997, cit. Grossi, Mello & Uziel, 2008) compararam casais heterossexuais e homossexuais que coabitavam há mais de 15 anos, descobriu que, independentemente da orientação sexual, as características que fazem um relacionamento duradouro e satisfatório são as mesmas para ambos os grupos.

A hipótese 10, é descrita pela tabela 42, afirmando que existe pelo menos um dos tipos de orientação sexual onde se verificam diferenças significativas relativamente à existência de problemas no relacionamento. Analisando os resultados obtidos (tabela 43) podemos deduzir que existem diferenças significativas nos problemas de relacionamento entre o grupo heterossexual e os restantes (bissexual e homossexual) $F(2,902) = 8.946, p < 0.05$.

Um estudo de Kurdek (1988, *cit.* Elvas, Madeira, Magalhães, Monteiro, Simões & Pereira, 2010) verifica que em média, os casais homossexuais têm tempos de relacionamentos inferiores aos heterossexuais.

Elvas, *et al.* (2010) descrevem no seu estudo que a maioria dos problemas no relacionamento se deve à falta de comunicação entre o casal, sendo seguido os sentimentos de ciúme e por último os problemas de amizade. O presente estudo refere que a maioria dos problemas de relacionamento de devem à comunicação e o ciúme (figura 5).

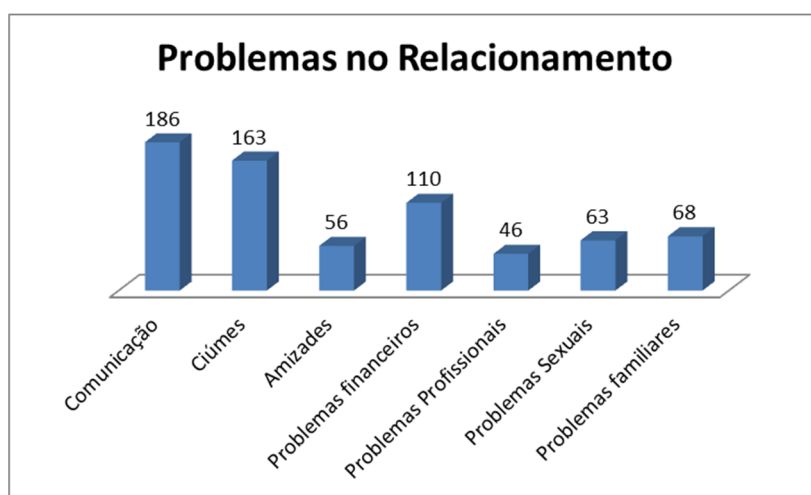


FIGURA 4 - PROBLEMAS NO RELACIONAMENTO DOS INQUIRIDOS

O ciúme como um sentimento humano que pode interferir, em maior ou menor grau, na dinâmica de relacionamento conjugal é um sentimento que produz angústia, raiva, desconfiança, baixa auto-estima, insegurança e tensão nos parceiros, e pode atingir formas doentias, abalando a saúde mental, podendo chegar ao extremo da violência (Seo, 2005). A mesma autora descreve que o sentimento de ciúme difere entre os sexos.

No desenvolvimento do estudo, além dos objectivos e hipóteses colocadas, foram surgindo outras curiosidades.

Colocou-se a questão de se haveria diferenças significativas entre a orientação sexual e o grau de felicidade na relação. Não conseguimos comprovar que existam diferenças

significativas entre o grau de felicidade no relacionamento e a orientação sexual $F(2,886) = 1.076, p < 0.05$ (tabela 41)

Analisaram-se diferenças significativas em termos de exclusividade sexual entre o grande meio urbano e o pequeno meio urbano $F(3,900) = 5.367, p < 0.05$ (tabela 43 e 44)

Procurou-se perceber se existiam diferenças entre o item “estive envolvido com outra pessoa” e a variável orientação sexual. Verificaram-se diferenças significativas entre os heterossexuais ($M=1.69$) e as restantes orientações sexuais ($M_{\text{bissexuais}}=2.37$ e $M_{\text{homossexuais}}=2.38$). Podemos assim concluir que os heterossexuais apresentam menores níveis de envolvimento sexual físico com outras pessoas, para além do seu parceiro(a) (tabela 45 e 46).

Contrariamente ao referido anteriormente, procurou-se saber se existiam diferenças entre o item “o meu companheiro já teve outras pessoas” e a variável orientação sexual, verificou-se diferenças significativas entre os heterossexuais ($M=1.67$) e os homossexuais ($M=2.02$). Relativamente aos bissexuais, verifica-se uma média de 1.76. Podemos assim concluir que nos casais heterossexuais se verificam níveis significativamente menores de envolvimento sexual dos parceiros com outras pessoas, comparativamente aos homossexuais (tabela 47 e 48).

Por último, tentou-se verificar se o grau de satisfação sexual e os problemas no relacionamento apresentavam diferenças estatisticamente significativas. Verificou-se que existiam diferenças significativas entre o grau de satisfação e a existência de problemas no relacionamento. Os inquiridos que indicaram a existência de problemas no relacionamento apresentam uma média de 3.72 relativamente ao grau de satisfação sexual cuja a escala poderá variar entre 1 e 5, enquanto que os inquiridos que não indicaram a existência de problemas no relacionamento, apresentam uma média de 4.33, evidenciando um maior grau de satisfação sexual (tabela 49).

A insatisfação sexual, também, pode ser detonadora de ciúme, causando infelicidade conjugal, aumentando a probabilidade de rompimento e de ameaça de infidelidade sexual (Seo, 2005).

Ao longo do trabalho, podemos reflectir que a ideologia monogâmica resulta no individuo como uma organização reactiva poderosa de defesa contra as próprias tendências sexuais, que desconhecem a contradição monogamia-poligamia ou poliandria, mas conhecem apenas a satisfação (Reich, 1975).

Em forma de conclusão, poderemos verificar que os heterossexuais apresentam maiores níveis de exclusividade sexual, comparativamente aos bissexuais e homossexuais. No

entanto, o mesmo não acontece quanto ao ajustamento conjugal, no qual não se encontraram diferenças significativas entre a orientação sexual (heterossexuais, bissexuais e homossexuais).

Em futuros estudos, poder-se-ia perceber o ajustamento conjugal em casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente perante o HIV, após a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, seria pertinente avaliar o ajustamento e a exclusividade sexual em casais que tenham assumido legalmente o seu relacionamento.

6 - REFLEXÃO PESSOAL

Ao longo de toda a investigação confrontei-me com algumas facilidades (recolha da amostra) e muitas dificuldades (formulação teórica e análise estatística).

O estudo iniciou-se de uma forma positiva quando a elaboração dos respectivos questionários e construção dos mesmos *online*, tendo recolhido uma amostra considerável para o estudo.

Existe uma variedade de estudos relativamente às variáveis estudadas no presente trabalho, sentindo dificuldade em criar pontos de ligação entre o presente estudo e estudos anteriores, considerando esta fase como a primeira dificuldade na elaboração da parte teórica.

Outra dificuldade que me acompanhou no percurso da investigação foi a falta de conhecimentos estatísticos, sentindo fortes dificuldades em analisar os resultados presentes e não demonstrando outros que poderiam ser um factor relevante para o estudo. Valeu o conhecimento e dedicação do Professor Henrique Pereira que iniciou a respectiva análise, incentivando-me a manipular todas as variáveis e assim brincar um pouco com a amostra recolhida.

Apesar das dificuldades descritas, senti que a área de investigação é um vasto horizonte, incentivando-me elaborar estudos em outras áreas da psicologia.

III - BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, A. (2006). *Minorias eróticas e agressores sexuais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Alferes, V.R. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais – Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto, Edições Afrontamento.
- Almeida, M. (2003). Antropologia e Sexualidade – consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica. *In a Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar, Coimbra: quarteto, vol II, p. 53-72*
- Aluja, A., Barrio, V. & Garcia, L. (2007). Personality, Social Values, and Marital Satisfaction As Predictors of Parents' Rearing Styles. *International Journal of Clinical and Health Psychology, Vol.7, nº003, pp.725-737*
- Aragón, S., Loving, R. & Palencia, A. (2007). Desarrollo del inventário multidimensional da infidelidade (IMIN). *Ridep. Nº 23. Vol.1 p. 121-147*
- Aragón, S., Loving, R. & Palencia, A. (2007). Desarrollo del inventário multidimensional de infedelidad (IMIN). *RIDEP · Nº 23 · Vol. 1*
- Baker, H., Brown, C. & Zumaya, M. (2008). Las parejas y sus infidelidades. *Revista de Investigación Médica Sur. Vol. 15, núm. 3*
- Barash, D.P & Lipton, J. E. (2001). *O Mito da Monogamia*. Cascais, Sinais do Fogo.
- Barbirato, M., Egypto, A., Schwarzstein, J., Silva, M., Simonetti, C., Suplicy, M. & Vonk, F. (1994). *Guia de Orientação Sexual – Directrizes e metodologia*, (10th Ed.). São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Barker, M. (2005). This is my partner, and this is my partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology, v.18, p.75-88*.
- Barros, M., Duarte, L., Heilborn, M. & Peixoto, C. (2005). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro, Garamond
- Bartlett, A. & King, M. (2006). What same sex civil partnerships may mean for health. In: *Journal of Epidemiology and community Health, v. 60, p. 188-191*
- Bernand, C. & Gruzinski, S. (1993). *História do novo Mundo II*. São Paulo, Universidade de São Paulo
- Besser, A., Goetz, A. & Shachelford, T. (2008). Personality, Marital Satisfaction, and Probability of Marital Infidelity. *Individual differences Research, Vol.6, Nº1, pp.13-25*

Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade – A redefinição das relações de género na França contemporânea. *Cadernos pagu (20): pp.131-156*

Braz, M., Dessen, M. & Silva, N. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicol. Reflex. Crit. vol.18 no.2 Porto Alegre*

Brito, R. & Menezes, A. (2007). Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicol. estud. vol.12, n.1, p. 133-139, ISSN 1413-7372.*

Bursik, T. & Schomookler, T. (2007). The Value of Monogamy in emerging adulthood: A gendered perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 24(6)*

Buss, D. & Shackelford, T. (1997). Susceptibility to Infidelity in the First Year of Marriage. *Journal of Research in Personality, 31, 193-221*

Buunk, B. P. & Dijkstra, P. (2000). Extradyadic Relationships and Jealousy. En C. Hendrick & S. Hendrick (Eds) (2000). *Close Relationships. A Sourcebook.* (p.255- 278). CA: Sage.

Cabral, G. (2008). As famílias no Período Anterior à Civilização. *Revista dos Estudantes da Faculdade de Direito da UFC. a. 1, v. 4, nov. Brasil 5-16.*

Cameiro, J. (2004). *Nem contigo nem sem ti.* Lisboa, Terramar

Capellá, A. (2003). *Sexualidades Humanas, Amor e Loucura.* Lisboa, Climepsi Editores

Cardoso, F. (2008). O conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Género e Motricidade. *Revista Interamericana, Vol. 42, Num. 1, pp.69-79*

Carneiro, N., Gato, J. & Fontaine, A. (2010). Percepção de futuros profissionais de áreas psicossociais sobre o desenvolvimento psicológico de crianças educadas em famílias homoparentais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade de Minho*

Carneiro, N.S. (2009). *“Homossexualidades” Uma Psicologia entre Ser, Pertencer e Participar.* Porto, Livpsic

Carvalho, C.S. (2008). *Educação da Sexualidade.* Lisboa, Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã.

Cascais, A.F., Santos, A.C., Amaral, A.L., Barreira, C., Rayner, F., Moita, G., Pereira, H., Leal, I., Menezes, I., Mourão, J.A., Vale de Almeida, M., Carneiro, N., Levy, T. e Tavares, T.C. (2004) *Indisciplinar a Teoria - Estudos Gays, Lésbicas e Queer.* Lisboa, Fenda

Costa, M. & Ribeiro, M. (2002). Estilos de Vinculação, Papéis Sexuais e Satisfação Conjugal: Um estudo com Casais Portugueses. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 197-214

Davies, D., & Neal, C. (1997). *Pink therapy: A guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Buckingham: Open University Press.

Diamond, L. (2000). Sexual Identity, Attractions, and Behaviour Among Young Sexual-Minority Women Over a 2-Year Period. *Developmental Psychology*, 36 (2), 241-250

Diniz, G. & Perlin, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade? *Psic. Clin., Rio de Janeiro*, Vol. 17, N.2, p.15-29

Dreher, M. (2001). *Hermann Gottlid Dohms: textos escolhidos*. Porto Alegre, Edipucrs.

Erel, O. & Burman, B (2000). Inter-relatedness of Marital Relations and Parent-Child Relation: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.

Fausto-Sterling, A. (1999). *Sexing the Body – Gender Politics and the Constructions of Sexuality*. New York: Basic Books

Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Revista de la universidade federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, ISSN 0102-7972

Féres-Carneiro, T., Mosmann, C. & Wagner, A. (2006). Qualidade Conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), p.315-325

Flacke, D., Diehl, J. & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na actualidade. Em A. Wagner (Ed.). *A família em cena: Traumas, dramas e transformações* (p.172-188). Petropolis, Vozes

Fonseca, L.; Soares, C. e Vaz, J. (2003). A sexologia, Perspectiva Multidisciplinar. *Coimbra: Quarteto, vol II, pp 53-72*.

Fredman, N. e Sherman, R. (1987). *Handbook of Measurements for Marriage & Family Therapy*. Philadelphia, Manufactured in the United States of America.

Gageiro, J. & Pestana, M. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais – A complementaridade do SPSS*, (5th ed.). Lisboa, Edições Silabo

Gameiro, J (2007). *Entre marido e mulher – Terapia de Casal*. Lisboa, Trilhos.

Gameiro, J. (1998). *Os meus, os teus e os nossos filhos – novas formas de família*. Lisboa, Terramar.

García, Y. H. e Gallo, V.H. (2007). Un Análisis Feminista de la Infelidad Conyugal. *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe*, 1578-6730

Gerard, J. M., Krishnakumar, A. & Buheler, C. (2006). Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. *Journal of Family Issues*, 27(7), 951-975.

Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora Universidade Estadual Paulista

Gomez, R., Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 4 (XXVI): 625-638

Gotlib, S., Hardy, E., Jiménez, A. & Zaneveld, L. (2001). Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis socioeconômicas e demográficas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 17(1):55-62

Grossi, M., Mello, L. & Uziel, A. (2007). *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Rio de Janeiro, Garamond Ltda

Grossi, M., Mello, L. & Uziel, A. (2008). *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro, Garamond Ltda

Hammerschmidt, H., Kaslow, F., Norgen, M., Sharlin, S. & Souza, R. (2004). Satisfação Conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3). 575-584

Heilborn, M. (2004). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV

Hernandez, J. & Hutz, C. (2008). Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. *Psic.: Teor. e Pesq.* vol.24, n.2, p. 133-141. ISSN 0102-3772.

Hernandez, J.A. (2008). Avaliação Estrutural da Escala de Ajustamento Diádico. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 13, n. 3, p.593-601

Hyde, J. (2004). The next decade of sexual science: synergy from advances in related sciences. *The Journal of Sex Research*, 38.2, 97.

Kinnish, K. K., Strassberg, D. S., & Turner, C. W. (2005). Sex differences in the flexibility of sexual orientation: A multidimensional retrospective assessment. *Archives of Sexual Behaviour*, 34 (2), 173-183.

Klesse, C. (2006). Poliamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v.9, n.5, 565-583

LaSala, M. (2001). Mongamous or Not: Understanding and Counseling Gay Male Couples. *Families in society: The journal of Contemporary Human Services*, Copyright *Families Internacional, Inc*

- Leal, I. & Pereira, H. (2006). A Identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicação para a saúde. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII): 315-322
- Lee, H. & Harris, K. (2008). The development of Marriage Expectations, Attitudes, and Desires From Adolescence into Young Adulthood. *Departement of Sociology and The Carolina Population Center, University of North Carolina at Chapel Hill*
- Magalhães, M. (2009). A infidelidade conjugal e seus mitos: uma leitura gestáltica. *Revista IGT na rede*, v.6, nº10, p.58-90.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com utilização do SPSS*, (3rd Ed.). Lisboa, Edições Sílabo.
- Marques, A. (2008). Saúde, Corpo e Sexualidade. *VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: saberes e Práticas*
- McAnulty, R. e Diamant L. (1995). *The Psychology of Sexual Orientation Behavior, and Identity – A Handbook*. United States of America, British Library
- Mello, L. (2005). *Novas famílias – Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Garamond Ltda.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006) Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325
- Munson, M. e Stelboun, J.P. (1999). Introduction: the lesbian polyamory reader: open relationships, non-monogamy and casual sex. Em M. Munson e J.P. Stelboun (orgs.). *The lesbian polyamory reader*. Londres: Harrington Park Press p. 1-10.
- Nodin, N. (2007). A vida sexual dos anúncios pessoais: uma revisão da literatura. *Análise Psicológica*, 3 (XXV): 351-361
- Nogueira, C. & Saavedra, L. (2006). Memories about feminism in psychology: for the construction of future memories. Belo Horizonte: UFMG, ISSN 1676-1669
- Norgren, M.B., Souza, R.M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584
- Nunan, A. (2007). Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? *In: Psico*, v35, nº1, 69-78.
- Nunes, C. (2005). *Desvendando a Sexualidade*, (5th Ed.). São Paulo, Papirus Editora
- Pais, J. (1996). Vivências Sexuais – Modos e diversidades. *Associação Portuguesa de Sociologia – III Congresso Português de Sociologia*
- Pereira, A. (1999). *SPSS – Guia Prático de Utilização. Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*, (2nd Ed.) Lisboa, Edições Silabo.

- Pereira, H. (2001). *Ser Gay – Passos para uma nova intimidade*. Lisboa, htp – edições
- Pereira, H., Leal, I. e Maroco, J. (2009). *Psicologia da Identidade Sexual*. Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- Reich, W.(1975). *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro, Centro do Livro Brasileiro.
- Rubia, J. (2008). Modelos Preditos y de senderos de ajuste diádico por géneros en parejas casadas. *Ciência UANL. Vol.XI, N°2 p.185-192*
- Rubia, J. (2008). Prediccion del Ajuste Diádico en una Muestra Nuevoleonesa. *Revista Interamericana de Psicologia, Vol. 42, Num. 2 pp.247-256*
- Saghir, M. & Robin, E. (1973). *Homossexualidade Masculina e Feminina: Um estudo abrangente*. Baltimore: Williams Wilkins, 1973
- Santos-Iglesias, P., Sierra, J. & Vallejo-Medina, P. (2009). Propriedades psicométricas de una versión breve de la esclaa de ajuste diádico en muestras españolas. ISSN 1697-2600, N°3, p.501-517.
- Savin-Williams, R., & Diamond, L. (2000). Sexual identity trajectories among sexual-minority youths: Gender comparisons. *Archives of Sexual Behaviour, 29* (6), 607-627.
- Schmookler, T. e Bursik, K. (2007). The value of monogamy in emerging adulthood: A gendered perspective. *Journal of Social and Personal Relationships. Vol.24(6): 819-835*.
- Seo, K. (2005). Principais factores desencadeantes de ciúme patológico na dinammica de relacionamento conjugal. *Revista científica electrónica de psicologia, ISSN 1806-0625, N°5*
- Shackelford, T.K., Besser, A. e Goetz, A.T. (2008) Personality, Marital Satisfaction, and Probability of Marital Infidelity. *Individual Differences Research, vol.6.1 pp.13-25*
- Shernoff, M. (2006). Negotiated Nonmonogamy and Male Couples. *Family Process, Vol.45, N°3, p.407-417*
- Sierra, J., Santos-Iglesias, P. & Vallejo-Medina, P. (2009). Propriedades psicométricas de una versión breve de da Escala de Ajuste diádico en muestras españolas. *International Journal of Clinical and Health Psychology, Vol. 9, N° 3, pp. 501-517*
- Sorj, B. (1992). O feminismo na encruzilhada da modernidade e da pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de género*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 15-23.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family, 38*, 15-28.
- Thevenot, X. (2004). *O meu filho é homossexual – como reagir? Como acompanhá-lo?* São Paulo. Edições Loyola

Torres, M. (2006). Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral-religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas. *Revista de Estudos da Religião*, Nº 1, p. 142-152, ISSN 1677-1222.

Wright, R. (1994). *The moral animal: the new science of evolutionary psychology*. New York, Vintage Books

Zampiri, A. M. (2004) *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e das AIDS*. São Paulo, Ágora

Zhang, Y. (2007). *The chemistry of love and monogamy*. *Jarvis Collegiate Institute*, Toronto

ANEXOS

Anexo 01

Questionário Sociodemográfico

Género

- Homem
- Mulher
- Transgénero

Idade

Estatuto Socioeconómico:

- Alto
- Médio-Alto
- Médio
- Médio-Baixo
- Baixo

Escolaridade:

- 0 anos até 4 anos
- até 6 anos
- até 9 anos
- até 12 anos
- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-Graduação

Profissão

Local de residência

- Grande Meio Urbano
- Pequeno Meio Urbano
- Grande Meio Rural
- Pequeno Meio Rural

Como se identifica em relação à sua orientação sexual:

- Heterossexual exclusivo
- Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual
- Predominantemente heterossexual, mais que ocasionalmente homossexual
- Bissexual
- Predominantemente homossexual, mais que ocasionalmente heterossexual
- Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual
- Homossexual exclusivo

Há quanto tempo mantém o relacionamento? (indique número de anos/número de meses) Exemplo: 2 anos e 10 meses ou 0 anos e 11 meses

Existem problemas no seu relacionamento?

- Sim
- Não

Se sim, por favor indique quais:

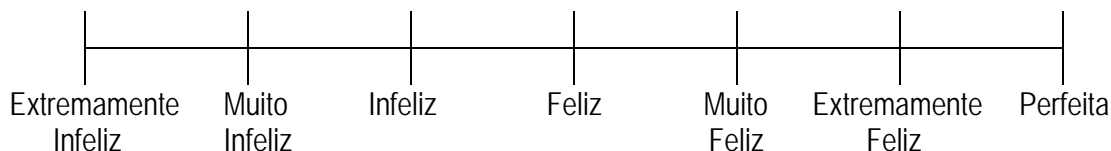
- Comunicação
- Cúmes
- Novas amizades
- Problemas financeiros
- Problemas profissionais

Anexo 02

Por favor, indique se nas últimas semanas tem havido desacordo ou problemas na relação relativamente aos seguintes aspectos:

	Sim	Não
Relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de demonstração de amor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Os traços da seguinte linha representam diferentes graus de felicidade na relação conjugal. O traço do meio («feliz») caracteriza a maioria das relações. Por favor, considerando a vossa relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.



Qual das seguintes afirmações descreve melhor o que sente sobre o futuro da sua relação conjugal?

- Quero absolutamente que a minha relação tenha sucesso e *faria praticamente tudo o que fosse necessário* para isso acontecer
- Quero muito que a minha relação tenha sucesso e *farei tudo o que possa* para isso acontecer
- Quero muito que a minha relação tenha sucesso e *farei o que achar que é razoável* para isso acontecer
- Gostaria que a minha relação tivesse sucesso, mas *não posso fazer muito mais do que tenho feito* para manter a relação
- Gostaria que a minha relação tivesse sucesso mas *não estou disposto a fazer mais do que tenho feito* para manter a relação
- A minha relação não poderá vir a ter sucesso e *não há nada mais que eu posso fazer* para manter a relação

Anexo 03

Questionário Exclusividade Sexual

De seguida, pedimos a sua colaboração para o preenchimento deste questionário, cujo objectivo é avaliar qual o seu compromisso à exclusividade sexual com o seu parceiro actual. A sua colaboração é muito importante e, para tal, pedimos que responda com a maior sinceridade possível, pois este questionário é confidencial e anónimo.

Desde já muito obrigado pela sua colaboração.

Seguidamente, assinale o que melhor descreve o seu caso:

Até que ponto esteve sexualmente envolvido com outra pessoa para além do seu parceiro sexual enquanto casado(a).

Não houve envolvimento sexual físico

Beijos

Abraços e carícias

Contacto sexual íntimo sem penetração

Contacto sexual íntimo com penetração

	Totalmente Falso	Provavelmente Falso	Provavelmente Verdadeiro	Totalmente Verdadeiro
Teria contacto sexual físico com outras pessoas por curiosidade				
Praticaria relações sexuais com outras pessoas para que percebessem os meus problemas e sentimentos.				
Teria relações sexuais com outra pessoa para chamar a atenção ao meu companheiro(a).				
Gostaria de ter relações sexuais com outras pessoas para me sentir jovem.				
Teria relações sexuais com outra pessoa por não				

conseguir controlar os meus impulsos sexuais.				
Teria relações sexuais extra-maritais por diversão.				
Tenho fantasias em praticar sexo com outros casais com o(a) companheiro(a).				
Procuraria ter relações sexuais para compensar a falta de amor e afecto por parte do(a) companheiro(a).				
Teria relações sexuais com outras pessoas por não me identificar intelectualmente com o(a) companheiro(a).				
O(A) meu (minha) companheiro(a) já teve relações sexuais com outras pessoas.				

Anexo 04



Jose Mendes <josemendes78@gmail.com>

Autorização para o uso da escala traduzida "Dyadic Adjustment Scale (DAS)"

2 mensagens

José Mendes <josemendes78@gmail.com>

13 de Outubro de 2009 10:53

Para: ileal@ispa.pt, rita_gomez@ispa.pt

Exma. Professora Doutora Isabel Leal e Exma. Doutoranda Rita Gomez,

O meu nome é José Mendes, sou aluno na Universidade da Beira Interior, estou a iniciar a dissertação para obtenção do 2º ciclo.

No âmbito da dissertação em Psicologia Clínica e Saúde, pretendo realizar um estudo titulado "Monogamia e Ajustamento Diádico: estudo comparativo entre casais de sexo diferente e casais do mesmo sexo."

Solicito às excelentíssimas investigadoras, autorização para o uso da escala traduzida "Dyadic Adjustment Scale (DAS)".

Com os melhores cumprimentos,

José Mendes

Isabel M. Leal <ileal@ispa.pt>

13 de Outubro de 2009 22:34

Para: José Mendes <josemendes78@gmail.com>

Caro José,
Tem a nossa autorização para a utilização da escala.
Bom trabalho,
Isabel Leal

Isabel Maria Pereira Leal (Phd)
Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde (UIPES) I&D
ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Rua Jardim do Tabaco, 34
1149-041 Lisboa - Portugal
<www.ispa.pt>
E-mail: <<mailto:ileal@ispa.pt>>
E-mail: <<mailto:uipes@ispa.pt>>
Tel: +351 21 881 17 08
Fax: +351 21 886 09 54
<www.isabel-leal.com>

De: José Mendes [<mailto:josemendes78@gmail.com>]
Enviada: ter 13-10-2009 10:53
Para: Isabel M. Leal; Rita Gomez
Assunto: Autorização para o uso da escala traduzida "Dyadic Adjustment Scale (DAS)"

[Citação ocultada]

Anexo 05

Exclusividade Sexual

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
	8	8	,9	,9
	9	337	37,1	38,0
	10	91	10,0	48,0
	11	93	10,2	58,2
	12	74	8,1	66,3
	13	48	5,3	71,6
	14	43	4,7	76,3
	15	42	4,6	81,0
	16	25	2,8	83,7
	17	20	2,2	85,9
	18	35	3,9	89,8
Valido	19	19	2,1	91,9
	20	16	1,8	93,6
	21	15	1,7	95,3
	22	13	1,4	96,7
	23	5	,6	97,2
	24	7	,8	98,0
	25	2	,2	98,2
	26	6	,7	98,9
	27	5	,6	99,4
	29	3	,3	99,8
	31	1	,1	99,9
	33	1	,1	100,0
Total	909	100,0	100,0	

Anexo 06

Ajustamento Conjugal

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem Acumulada
	18	1	,1	,1
	34	1	,1	,2
	37	1	,1	,3
	40	1	,1	,4
	43	1	,1	,6
	44	1	,1	,7
	46	1	,1	,8
	51	2	,2	1,0
	52	2	,2	1,2
	56	1	,1	1,3
	57	1	,1	1,4
	60	2	,2	1,7
	61	1	,1	1,8
	62	1	,1	1,9
	63	3	,3	2,2
Valido	64	1	,1	2,3
	66	1	,1	2,4
	67	1	,1	2,5
	69	2	,2	2,8
	72	2	,2	3,0
	75	4	,4	3,4
	77	1	,1	3,5
	78	4	,4	4,0
	79	3	,3	4,3
	80	2	,2	4,5
	81	2	,2	4,7
	82	3	,3	5,1
	83	1	,1	5,2
	84	2	,2	5,4
	85	7	,8	6,2
	86	7	,8	6,9
	87	3	,3	7,3

88	5	,6	,6	7,8
89	6	,7	,7	8,5
90	6	,7	,7	9,1
91	9	1,0	1,0	10,1
92	4	,4	,4	10,6
93	10	1,1	1,1	11,7
94	7	,8	,8	12,4
95	13	1,4	1,4	13,9
96	8	,9	,9	14,7
97	8	,9	,9	15,6
98	7	,8	,8	16,4
99	13	1,4	1,4	17,8
100	11	1,2	1,2	19,0
101	15	1,7	1,7	20,7
102	13	1,4	1,4	22,1
103	16	1,8	1,8	23,9
104	13	1,4	1,4	25,3
105	17	1,9	1,9	27,2
106	16	1,8	1,8	28,9
107	22	2,4	2,4	31,4
108	10	1,1	1,1	32,5
109	22	2,4	2,4	34,9
110	21	2,3	2,3	37,2
111	23	2,5	2,5	39,7
112	20	2,2	2,2	41,9
113	31	3,4	3,4	45,3
114	23	2,5	2,5	47,9
115	29	3,2	3,2	51,0
116	27	3,0	3,0	54,0
117	30	3,3	3,3	57,3
118	22	2,4	2,4	59,7
119	29	3,2	3,2	62,9
120	28	3,1	3,1	66,0
121	15	1,7	1,7	67,7
122	38	4,2	4,2	71,8
123	34	3,7	3,7	75,6

124	24	2,6	2,6	78,2
125	17	1,9	1,9	80,1
126	26	2,9	2,9	82,9
127	19	2,1	2,1	85,0
128	17	1,9	1,9	86,9
129	10	1,1	1,1	88,0
130	17	1,9	1,9	89,9
131	7	,8	,8	90,6
132	10	1,1	1,1	91,7
133	9	1,0	1,0	92,7
134	17	1,9	1,9	94,6
135	11	1,2	1,2	95,8
136	6	,7	,7	96,5
137	4	,4	,4	96,9
138	4	,4	,4	97,4
140	5	,6	,6	97,9
141	3	,3	,3	98,2
142	4	,4	,4	98,7
143	3	,3	,3	99,0
144	4	,4	,4	99,4
145	3	,3	,3	99,8
146	2	,2	,2	100,0
Total	909	100,0	100,0	

Anexo 07

ANOVA

Teste de Levene

$\leq .05$ (não há igualdade de variâncias)

Ver valor da ANOVA e valor de Brown-Forsythe (BF)

Se $\text{anova} \geq .05$ e $\text{BF} \geq .05$

Não existem diferenças

Fim

Se $\text{anova} < .05$ e $\text{BF} < .05$

Existem diferenças

Fazer teste de Games - Howel

Ver diferenças

Fim

Nos outros casos

Não podemos aplicar a ANOVA pois não há igualdade de variâncias e o teste robusto falhou

FIM

$\geq .05$ (igualdade de variâncias)

Ver valor ANOVA (sig)

$< .05$

Existem diferenças

Fazer teste Hochberg's GTL

Ver diferenças

Fim

$\geq .05$

Não se consegue comprovar diferenças significativas

FIM

